

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

Jones Dias de Almeida

**Índice de saliência e dominância em Termos Básicos de Cores: análise comparativa entre
Português e Libras**

Maceió
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

Jones Dias de Almeida

Índice de saliência e dominância em Termos Básicos de Cores: análise comparativa entre Português e Libras

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para Qualificação do Mestrado em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins

Maceió
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

A447i Almeida, Jones Dias de.
Índice de saliência e dominância em termos básicos de cores: análise comparativa entre português e libras / Jones Dias de Almeida. – 2023.
58 f. : il. color.

Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins.
Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 53-56.
Anexos: f. 57-58.

1. Cores. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Língua portuguesa. I. Título.

CDU: 81



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



TERMO DE APROVAÇÃO

JONES DIAS DE ALMEIDA

Título do trabalho: "TERMOS BÁSICOS DE CORES EM LIBRAS E PORTUGUÊS: ESTUDO COMPARATIVO"

DISSERTAÇÃO aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

 Documento assinado digitalmente
ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 06/05/2023 00:10:25-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGL/UFal)

Examinadores:  Documento assinado digitalmente
ANDERSON ALMEIDA DA SILVA
Data: 06/05/2023 01:38:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Anderson Almeida da Silva (UFPI)

 Documento assinado digitalmente
JAIR BARBOSA DA SILVA
Data: 03/05/2023 11:27:42-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGL/UFal)

Maceió, 26 de maio de 2023.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não seria possível sem a contribuição valiosa de diversas pessoas que gostaria de agradecer neste momento.

Em primeiro lugar, quero expressar a minha gratidão às pessoas surdas e ouvintes que participaram do meu estudo, compartilhando suas experiências e tornando possível a análise dos dados coletados. Agradeço também ao meu orientador, professor Adeilson, por todo o suporte, orientação e paciência durante o percurso desta pesquisa. A forma leve que você guiou essa jornada me marcou de uma forma particular da qual jamais esquecerei e que me tocou muito. Obrigado por ter confiado em mim.

Além disso, sou grato aos professores Jair e Anderson, que me ajudaram com suas sugestões, críticas construtivas e discussões enriquecedoras. Agradeço também aos meus amigos, que foram fonte de alívio nas horas difíceis e me incentivaram a seguir em frente, principalmente Pedro e Silmara que nesses últimos anos estiveram tão perto e foram alívio em momentos de muita tensão e até mesmo dúvida.

Por último, e ainda mais importante, gostaria de agradecer ao meu companheiro Humberto, que dedicou horas preciosas revisando e analisando meu trabalho. Sua ajuda foi fundamental para o desenvolvimento desta dissertação e fez com que a sanidade estivesse comigo em momentos em que achei que a perderia. Finalizo esse trabalho sabendo que sem você eu não teria conseguido chegar até aqui, te amo muito.

A todos vocês, meu muito obrigado!

RESUMO

Os termos básicos de cor foram definidos com base em critérios propostos pelos linguistas antropólogos Berlin e Kay (B&K), em 1969, e resultaram nas seguintes cores chamadas também de cores focais, a exemplo do português: branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza, termos estes que constituem, segundo os autores, o universal semântico de cor e aparecem numa ordem gradativa, na qual o branco e o preto encabeçam essa ordem e o roxo, cinza, rosa e laranja a ultimam. Cada um desses termos constitui o melhor exemplo de cada categoria de cor, ao passo que nomeiam essas categorias. Há possibilidade de o quantitativo de termos ser diferente entre as línguas, mas há indícios de um compartilhamento universal de repertório relacionado a cores que varia, necessariamente, entre 2 e 11 termos supracitados. Apesar de o debate sobre categorização de termos básicos para cores ser amplo com línguas orais, como pode ser evidenciado por estudos recorrentes em Kay (1975); Kay & Mcdaniel (1978); Kay, Berlin & Merrifield (1991); Kay & Maffi (1999); Kay & Regier (2006); Kay & Regier (2007); Taylor, J. R (1995); Davies & Corbett (1994), ainda temos poucas informações relacionadas às línguas de sinais (cf. Zeshan & Sagara, 2016, com os principais estudos sobre terminologia de cores em línguas de sinais). Nesse sentido, esta pesquisa pretende averiguar se na Língua Brasileira de Sinais há ocorrência das restrições e do repertório universal de cor propostos pela Teoria de B&K sobre categorização de termos básicos para cores, bem como comparar se há traços de divergência e convergência com o Português -Trata-se de um estudo comportamental descritivo de ordem comparativa, em que serão investigadas estas duas línguas de modalidade distintas. O estudo proposto constitui algo inédito no Brasil, sobretudo porque pretende fazer uso de tarefas comportamentais com uma amostra ampla a partir da descrição, levantamento e análise dos dados baseados nos pressupostos teórico-metodológicos de Hollman e Uuskula (2012) e Hollman (2010). Foram realizadas duas tarefas: uma de nomeação e outra de listagem de cores. Os resultados da análise indicaram que os TBCs das cores básicas foram mais salientes em ambas as línguas. Também foram encontrados agrupamentos primário e secundário de cores, exceto para os termos marrom e rosa em Libras. Os resultados confirmam a saliência dos TBCs e identificam os melhores exemplos desses termos de cor em ambas as línguas.

Palavras-chave: Libras, Língua Portuguesa, termos básicos de cores.

ABSTRACT

The basic color terms were defined based on criteria proposed by the anthropological linguists Berlin and Kay (B&K) in 1969, and resulted in the following colors also called focal colors, like in Portuguese: white, black, red, green, yellow, blue, brown, purple, pink, orange and gray, terms that constitute, according to the authors, the semantic universal of color and appear in a gradual order, in which white and black head this order and purple, gray, pink and orange at the end. Each of these terms constitutes the best example of each color category as they name those categories. There is a possibility that the number of terms is different between languages, but there are indications of a universal sharing of repertoire related to colors that varies, necessarily, between 2 and 11 terms mentioned above. Although the debate over categorization of basic color terms is wide with oral languages, as evidenced by recurrent studies in Kay (1975); Kay & McDaniel (1978); Kay, Berlin & Merrifield (1991); Kay & Maffi (1999); Kay & Regier (2006); Kay & Regier (2007); Taylor, J.R (1995); Davies & Corbett (1994), we still have little information related to sign languages (cf. Zeshan & Sagara, 2016, with the main studies on color terminology in sign languages). In this sense, this research intends to verify if in the Brazilian Sign Language there are restrictions and the universal repertoire of color proposed by the B&K Theory about categorization of basic terms for colors, as well as to compare if there are traces of divergence and convergence with Portuguese - This is a comparative descriptive behavioral study, in which these two languages of different modality will be investigated. The proposed study is unprecedented in Brazil, mainly because it intends to use behavioral tasks with a large sample based on the description, survey and analysis of data based on the theoretical-methodological assumptions of Hollman and Uuskula (2012) and Hollman (2010). Two tasks were performed: one for naming and the other for listing colors. The results of the analysis indicated that the basic color TBCs were more salient in both languages. Primary and secondary color groupings were also found, except for the terms brown and pink in Libras. The results confirm the salience of TBCs and identify the best examples of these color terms in both languages.

Keywords: Libras, Portuguese language, Basic Color Terms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Hierarquia implicacional proposta pela Teoria B&K (1969).	17
Figura 2: Proposta de reformulação de Witkowski e Brown	17
Figura 3: Sistema de cores Munsell utilizado como matriz de cores do WCS.	20
Figura 4: TBC em dez línguas de sinais.	22
Figura 5: Tabela de 65 cores da matriz de referência utilizada na tarefa de nomeação	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cores e números em Língua de Sinais Espanhola (LSE)	24
Tabela 2: Síntese das informações do total de participantes	29
Tabela 3: Matriz de referência composta pelos códigos da Color-aid corporation e coordenadas da Commission Internationale de l'Eclairage (C.I.E).	30
Tabela 4: Total e distribuição dos termos de cores obtidos na tarefa de listagem em cada língua.	37
Tabela 5: Relação e quantitativo de termos mencionados na tarefa de listagem em ambas as línguas.	38
Tabela 6: Total e distribuição dos termos de cores obtidos na tarefa de nomeação em cada língua.	40
Tabela 7: Relação e quantitativo de termos mencionados na tarefa de listagem em ambas as línguas.	41
Tabela 8: Totais de termos em ambas as tarefas.	44
Tabela 9: Lista dos 11 termos mais salientes em ordem decrescente em ambas as línguas.	44
Tabela 10: Índice de dominância dos termos obtidos no teste de nomeação em Libras e Português.	48

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1: Comparativo do índice de saliência cognitiva (S) dos TBCs nas línguas Libras, ESL, Português e Estoniano. 45
- Gráfico 2: Comparativo do índice de saliência cognitiva (S) dos TBCs nas línguas Libras e Português. 46
- Gráfico 3: Proporção de TBCs considerando o total de respostas de ambas as tarefas nas duas línguas. 47
- Gráfico 4: Porcentagem de termos distintos produzidos para cada língua em ambas as tarefas. 47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL - American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

B&K - Berlin e Kay

CIE - Commission Internationale de l'Eclairage (Comissão Internacional de Iluminação)

EVK - Eesti viipekeel (Língua De Sinais da Estoniana)

Libras - Língua Brasileira de Sinais

LS - Língua de Sinais

LSE - Língua de Sinais Espanhola

LSM - Língua de Sinais Mexicana

LSUK - Língua de Sinais Urubu-Kaapor

NZSL - New Zeland Sign Lnguage (Língua de Sinais Neo Zelandesa)

TBC - Termos Básicos de Cores

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

WCS - World Color Survey (Pesquisa Mundial de Cores)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. COR E LINGUAGEM	13
1.1 A Teoria B&K	16
1.2 Categorização de cores em línguas de sinais	21
2. METODOLOGIA	28
2.1 Amostra	28
2.2 Procedimentos	29
2.3 Tarefa 1 - listagem de cores	29
2.4 Tarefa 2 - nomeação de cores	30
2.5 Material	30
2.6 Transcrição da coleta	32
2.7 Registro dos dados obtidos	34
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
3.1 Dados da tarefa de listagem	37
3.2 Dados da tarefa de nomeação	40
3.3 Dados de ambas as tarefas	44
3.4 Índice de dominância - tarefa de nomeação	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53
ANEXO 1 - Síntese das informações individuais dos participantes de cada tarefa.	57
ANEXO 2 - Possíveis TBCs em Libras	58

INTRODUÇÃO

Embora o olho humano seja capaz de perceber mais de sete milhões de cores diferentes (BROWN e LENNEBERG, 1954), temos um número baixo de termos lexicais utilizados para referi-las, especialmente se estamos falando de termos básicos. Os termos básicos de cor foram definidos com base em critérios propostos pelos linguistas antropólogos Berlin e Kay (B&K), em 1969, que resultaram na teoria dos universais semânticos de cor que os autores chamam de Cores Focais, e resultaram nas seguintes cores: branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza. Cada um desses termos constitui o melhor exemplo de cada categoria de cor, ao passo que nomeiam essas categorias e que, por isso, são consideradas cores focais.

A quantidade de termos pode ser diferente entre as línguas, mas há indícios de um compartilhamento universal de repertório relacionado a cores que varia, necessariamente, entre 2 e 11 termos¹, conforme propõe a Teoria de B&K. Essa teoria, consagrada após a publicação em 1969 do trabalho *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution* (Termos Básicos de Cor: sua universalidade e evolução), afirma que as línguas do mundo compartilham um acervo comum de conceitos de cores, cujos termos a eles associados evoluem numa ordem previsível e restrita, pois seus estudos chegaram à conclusão de que se numa língua forem identificados ao menos três termos, esses termos nomearão os focos correspondentes ao preto, branco e vermelho; já, se em determinada língua pesquisada houver seis termos, somar-se-á aos três primeiros o verde, o amarelo e o azul. Havendo 7 termos, este será o marrom. Em seguida, acrescentam-se o roxo, o rosa, o laranja e o cinza. Quando, no agrupamento de termos, houver mais de oito termos de cores básicas, não haverá ordem de acréscimo (B&K, 1999, p. 12).

Tais estudos se propunham a analisar as fronteiras do *continuum* prototípico das cores mediante o contato com uma gama de tonalidades para o que eles chamam de *cores focais* que, basicamente, analisava quais os melhores exemplares para um determinado termo, chegando ao espectro de 11 termos, sendo que esses exemplares eram percebidos nas outras línguas estudadas, ou seja, o vermelho prototípico do inglês nomeado por “red” seria o mesmo vermelho prototípico para nomear o prototípico “vermelho” em português.

¹ O Russo, o Húngaro e o Pirahã são possíveis exceções (cf. MacLaury, 1997, Everett, 2005).

Tais constatações levaram à crença de que havia uma universalidade atrelada ao campo da linguagem e da configuração biológica humana, o que foi comprovado em um estudo posterior por Kay e Mc Daniel documentado em Lakof (1987), constatando características universais, denominadas pelos teóricos B&K de Universal Semântico de Cor, de percepção e cognição.

Por meio dos estudos aqui supracitados, pode-se dizer que houve uma ruptura nos estudos da linguagem provocada pelas constatações de B&K que nos permite pensar em universais semânticos de cor para os termos de cores considerados básicos.

Na metodologia desta pesquisa, foram realizados dois testes: o primeiro foi de listagem, no qual o informante é solicitado a falar todas as cores que se lembrar e o segundo é o teste de nomeação em que foram apresentados 65 cartões de cores distintas, os quais deveriam ser nomeados pelos informantes. Ambos os testes objetivam descrever critérios de saliência desenvolvidos pelos autores B&K e retomados a partir de estudos largamente reproduzidos. Fizemos levantamento a partir de análise comparativa por equivalência de dados, os números de participantes foram de 11 falantes de Libras e 11 falantes de português.

As análises aqui desenvolvidas foram baseadas também em referenciais teórico-metodológicos desenvolvidos por Davies & Greville Corbett (1995) e Sutrop (2001) que tomaram como ponto de partida os estudos de B&K replicando as análises feitas naquelas línguas a fim de fornecer uma comparação lexical de dados empíricos baseados em trabalho de campo que resultaram na constatação de que o termo mais saliente nas línguas fino-úgricas, língua de sinais estoniana, russo e inglês é o vermelho, exceto em estoniano, que é azul.

Mediante propostas teóricas supracitadas, investigamos aqui se as hierarquias apontadas nos resultados são encontradas em Libras e em língua portuguesa e se os TBCs seguem os mesmos parâmetros de ordem hierárquica apresentados por estudos anteriores a respeito do universal semântico de cor. O caráter comparativo da pesquisa é proveniente do fato de que essas duas línguas são de modalidades distintas, porém, são línguas que estão em contato, uma vez que a língua portuguesa foi institucionalizada como Língua de Estado por Marquês de Pombal em 1654 - logo após a expulsão dos holandeses - e a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, a Língua Brasileira de Sinais a partir da LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. E a hipótese é de que, por estarem em constante convívio, uma pode interferir no léxico da outra, inclusive no que diz respeito a

nomeação de TBCs considerados enquanto universais semânticos a partir, principalmente, do critério de saliência.

Dessa forma, a justificativa para a realização deste trabalho parte da problemática de que ainda há poucos projetos que agreguem à literatura linguística uma listagem dos sinais que denotam cores em Libras, principalmente numa perspectiva comparativa com a língua portuguesa, sobretudo os termos básicos de cor. É importante ressaltar que a necessidade de que esse estudo tenha um caráter analítico-comparativo é proveniente da busca de que os métodos utilizados no aporte teórico-metodológico nas referências básicas da análise sejam respeitados.

Tais constatações nos trazem ao objetivo desse trabalho que é mapear a extensão de cada categoria de cor nessas línguas, como, também, identificar os melhores exemplos de termos básicos de cor que forem registrados a partir dos estímulos e, com isso, verificar a saliência dos termos básicos de cor a partir da análise dos índices de dominância e de saliência, a fim de corroborar com a evidenciação de que um determinado termo pode ser considerado um termo básico de cor e, principalmente, descrever o modo como duas línguas de diferentes modalidades categorizam os termos básicos de cor a partir desses índices de saliência e dominância.

No intuito de melhor organizar a descrição da pesquisa em foco, esta dissertação tem a seguinte estrutura: no Capítulo 1, há uma exposição de referenciais teóricos que se atêm aos TBCs e como eles são discutidos e pesquisados no campo da linguística. Para melhor contextualização do caráter investigativo e experimental dessa pesquisa, também observaremos referenciais teóricos levando em conta análises e trabalhos que investigam TBCs em línguas de sinais de distintos lugares e, também, explanaremos esses registros de maneira que eles direcionem as análises desta pesquisa de descrição considerando que a proposta é analisar e comparar dados numa investigação.

No Capítulo 2, detalharemos os procedimentos metodológicos da nossa pesquisa, procedimentos de cada tarefa, como, também, o material utilizado para efetuação do levantamento das amostras. Também será feita apresentação e detalhamento da coleta de dados a partir da exposição e observação dessas amostras.

Já no Capítulo 3, apresentaremos as amostras levantadas mediante execução das tarefas de listagem e nomeação a partir da participação de falantes de Libras e Português e discutiremos a partir dos resultados obtidos em cada teste. No intuito de melhor desenvolver as comparações das análises, será feita abordagem numa perspectiva analítico-comparativa,

uma vez que os resultados obtidos nas amostras serão comparadas a outras análises já feitas em outras línguas, a saber: língua estoniana e Línguas de Sinais da Estônia; línguas estas - assim como o português e a Libras - de modalidades distintas, já que estas são, respectivamente, orais e visuoespaciais que compartilham também contexto cultural comum aos seus falantes já que são faladas em mesmo território.

Por fim, serão apresentadas nossas considerações finais, nas quais traremos observações a respeito dos resultados da análise e como os TBCs se mostraram em ambas as línguas, como, também, a maneira que estes termos se agruparam. Discutiremos também sobre o índice de a saliência dos TBCs e possíveis adendos que precisam de atenção. Com base nas observações e análise da pesquisa, faremos uma reflexão sobre como os TBCs se comportam no português, na Libras e as contribuições que estudos como os dessa pesquisa podem contribuir para análises linguísticas envolvendo as duas línguas.

1. COR E LINGUAGEM

As cores são parte do nosso cotidiano e podem nos dizer muito sobre o modo como percebemos e categorizamos o mundo à nossa volta. Dado o seu fácil acesso e constante usabilidade, seja na arte, na natureza ou nos objetos produzidos industrialmente, as cores despertam o interesse de diferentes áreas do conhecimento como a química, a física, a antropologia, a psicologia, a tecnologia e os estudos da linguagem.

A vasta gama de cores visíveis constitui um contínuo difuso que é por nós categorizado em um número bastante reduzido de termos que englobam não apenas um ponto desse espectro, mas uma margem de variações de matiz, luminosidade e saturação; esses termos, na verdade, constituem os protótipos de categoria de cor (melhores exemplares) e ao mesmo tempo nomeiam tais categorias, chegando à conclusão de que há a possibilidade da existência de universais semânticos de cor, que serão denominados por Cores Focais (B&K, 1999, p. 12).

O estudo original de B&K investigou 98 línguas orais e continua sendo referência no assunto. A partir dele, estudos subsequentes foram realizados e ajustes metodológicos foram propostos (KAY, 1975; KAY & MCDANIEL, 1978; KAY, BERLIN & MERRIFIELD, 1991; KAY & MAFFI, 1999; KAY & REGIER, 2006; KAY & REGIER, 2007; DAVIES & CORBETT, 1994; SUTROP, 2002; UUSKÜLA, 2008; HOLLMAN, 2010). Os resultados desses estudos reafirmaram a hipótese da universalidade, mas ainda seguem gerando discussões no campo da linguística

Outras pesquisas, como de Hollman e Uuskula (2012) e Hollman (2010) se propuseram a analisar a categorização de cores em línguas ainda não investigadas com o intuito de somar dados aos levantamentos precedentes a respeito dos termos básicos de cores (TBCs). Para isso, as pesquisadoras agregam aos seus estudos línguas ainda não investigadas tomando como ponto de partida discussões e análises de línguas fino-úgricas e a língua de sinais da Estônia e é a partir das constatações evidenciadas nesses estudos que nortearmos nossa pesquisa e tomaremos como base para o levantamento de dados os dois testes neles utilizados a partir de uma perspectiva experimental de maneira que fosse adaptado ao contexto e necessidade contextual da investigação.

Com base nessas observações, nos voltaremos aos estudos desses universais da categorização de cores baseados em hipóteses que consideram fatores como a percepção, a cognição e o meio ambiente como sendo determinantes no estabelecimento do significado e,

portanto, universalizantes do processo de categorização. Dentre esses estudos, destacamos aqueles desenvolvidos pelos linguistas antropólogos B&K (1969), responsáveis por uma série de desdobramentos sobre o assunto de maneira cientificamente consagrada.

Os autores se dedicaram a tentar entender o estabelecimento dos TBCs, inicialmente, a partir de uma observação de que dentre as línguas esses termos eram salientes e com base nessa percepção recorreram a experimentos a fim de comprovar a hipótese de que existia um grupo lexical dentre as línguas para se referir a essas cores e buscaram explicar o fenômeno. As amostras se provaram consistentes com os dados obtidos, o que fez com que houvesse uma sistematização do que chamamos dos estudos dos universais semânticos de cor.

Porém, sabemos que uma teoria é sempre posta em atualização a fim de que seja modificada ou refinada ao longo do tempo, conforme novos dados são coletados e novas descobertas são feitas, o que foi feito pelos próprios autores B&K que replicaram e ampliaram suas próprias pesquisas em análises subsequentes.

No que diz respeito à cognição, temos distintos fatores já discutidos em estudos sobre os processamentos das cores e sobre como a língua reflete essa percepção, lançando mão de dados biológicos, a partir da noção de que o processamento neurológico das cores é possível por causa de estímulos processados a partir de células cones localizadas na retina. Esses fatores são levados em conta dentro dos levantamentos de Berlin e Kay (1969), que desenvolveram experimentos específicos para explorar mais a questão, como é o caso do teste de nomeação e listagem, a serem replicados nesta pesquisa.

Com base nesses fatores, chegamos à ideia de que em estudos sobre categorização de cores, podemos levar em conta alguns aspectos, como, por exemplo, até que ponto a percepção da cor pode ser relativa, isto é, dependente das respostas individuais aos estímulos, se considerarmos sua luminosidade e saturação, por exemplo. Podemos considerar, também, a maneira pela qual os seres humanos processam as cores e conferir se isso interfere na forma que cada língua as categoriza lexicalmente. A busca por estas respostas nos leva a três relações importantes: I – percepção; II – Conceito/linguagem; e III associação e comunicação (SARAPLK, 1997).

A percepção diz respeito ao processo percorrido entre a cor em si e a maneira que ela é categorizada a partir de itens lexicais, uma vez que há a nomeação para o termo propriamente dito e a associação de um termo de cor com a forma do objeto a partir de uma relação de semelhança ou associação. Para resolver a questão da relação percepção-forma, psicólogos recorrem a testes do método Rorschach, no qual é mostrado a uma criança um quadrado azul e

um círculo vermelho e é perguntado se um quadrado vermelho se assemelha a um outro quadrado vermelho ou ao círculo azul. Crianças com menos de seis anos tendem a agrupar objetos de acordo com a cor, enquanto aquelas com mais de seis (ou seja, crianças em idade escolar) os agrupam de acordo com a forma (ARNHEIM, 1974). Pesquisas também mostram que esses dados tendem a variar a depender da região e até mesmo do humor do participante. Outros dados ratificam que a percepção das cores tem mais relação com forma do que com a cor.

Estudos de Rosh (1973) apresentaram elementos a serem considerados quando pensamos na base psicológica das cores, pois em uma análise que objetivava determinar se as cores focais partiam da linguagem ou da cognição pré-linguística no Dani (tribo da Nova Guiné), foi observado que havia apenas dois termos básicos para cores, sendo eles o “branco-quente” e “preto-frio. Para delimitar outros espectros de cores, esses falantes recorrem a compostos, como na língua portuguesa quando se fala azul-bebê etc. Com base nessas constatações, pode-se dizer que, “em suma, as cores focais parecem ter saliência cognitiva particular provavelmente de forma independente da linguagem, e parecem refletir certos aspectos fisiológicos dos mecanismos perceptuais do ser humano” (FERRARI, 2011, p. 37).

Tais constatações nos trazem de volta a uma abordagem importante quando discutimos sobre linguagem - e que abriu caminho para estudos semânticos de categorização de termos em geral - que é a constatação de que, para nos comunicarmos, recorreremos à linguagem que têm um processamento autônomo em relação a outras faculdades e, no que se refere à categorização das cores, hoje há uma noção de que a percepção influencia na categorização de termos de cores.

Para compreender essa ideia é preciso que nos distancieemos do estudo da linguagem numa abordagem estritamente fonestêmica e iconocêntrica, uma vez que ela é vista como um sistema autocontido e entrincheirado por uma visão de sistema autônomo, no qual não há espaço para elementos externos à língua (TAYLOR, 1995, p. 16). Quando nos voltamos para a linguagem numa perspectiva cognitivista, vimos o rompimento da elaboração dos estudos sobre linguagem delimitados apenas por ela mesma, o que nos abre espaço para tratar dos estudos da categorização.

Adentrar os estudos da categorização de cores a partir da observação da percepção, cognição e meio ambiente, pode nos ajudar a resolver um problema proposicional que será

discutido adiante a partir das perspectivas de Berlin e Kay (1969), que são as conclusões de que existe um inventário universal de termos básicos de cores compartilhado entre as línguas.

1.1 A Teoria B&K

As línguas categorizam as cores de maneira semelhante ou a categorização de cores varia livremente entre as línguas? Essa é a questão fundamental promovida pela Teoria de B&K. A Teoria apresenta um trabalho pioneiro intitulado *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution* (1969), desenvolvido a partir da investigação de termos de cores em 98 idiomas. Os autores partem da premissa de que as diversas línguas do mundo compartilham, total ou parcialmente, um repertório comum de signos relacionados a cores, cujos termos, chamados de termos básicos de cor ou *Basic Color Terms*, seguem uma ordem diacronicamente evolutiva² a partir da demarcação de critérios que esquematizam e organizam esses termos em ordem relativamente estabelecida.

Os autores estabeleceram como termos básicos de cores aqueles que seguem os seguintes critérios:

- 1) O termo deve ser monolexêmico (diferente de azul bebê);
- 2) O termo não deve estar associado ou ser derivado de outro (diferente de escarlate);
- 3) O termo não pode ser restrito a aplicações específicas (diferente de loiro e grisalho).
- 4) O termo deve ser psicologicamente saliente entre os falantes. Tendo tendência a ocorrer no início de listas de termos de cores eliciadas e estabilidade de referências entre sujeitos e em todas as ocasiões de uso e ocorrência nos idioletos de todos os sujeitos. (são termos de uso corriqueiro nas línguas, tais como azul no português, *blue* no inglês e *bleu* no francês).
- 5) O termo não pode derivar de empréstimo recente³.

Vale ressaltar que nos materiais aqui estudados, alguns termos colocados como termos básicos de cor não podem ser considerados como tal porque são homônimos de outros termos

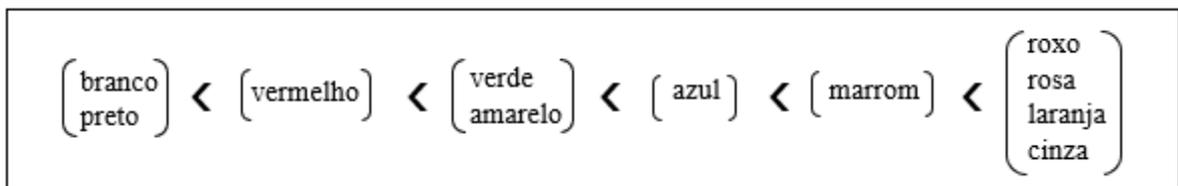
² A definição evolutiva surge da ideia de que B&K constataram uma hierarquia no que concerne a categorização de TBCs de que “as onze cores focais descobertas se apresentavam de forma hierárquica nas línguas estudadas, ou seja, que havia a possível existência de uma sequência evolucionária para o desenvolvimento do léxico de cores” Brangel (2010, p. 05).

³ O critério 5 e mais outras três restrições são sugeridas pelos autores para os casos duvidosos que possam surgir. Antecipamos este critério, pois muitas línguas de sinais fazem uso de empréstimo para cores.

como é o caso do sinal “café” que na Língua de Sinais Mexicana designa a bebida e a cor marrom.

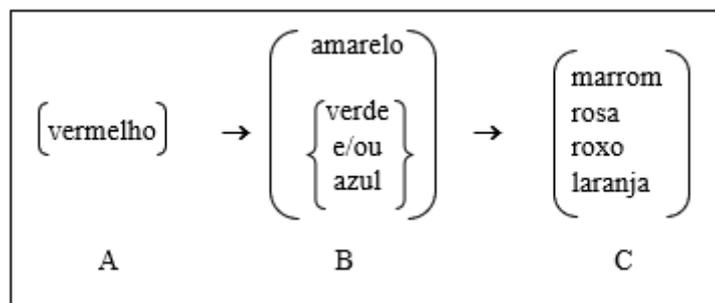
Dessas restrições, o número de TBCs obtidos no estudo dos autores a partir da investigação varia de dois a onze termos com ordem evolutiva esquematizada do seguinte modo exposto na Figura 1:

Figura SEQ Figura * ARABIC 1: Hierarquia implicacional proposta pela Teoria B&K (1969).



De acordo com a Teoria de B&K, todas as línguas vão apresentar ao menos duas cores como termo básico, sendo elas preto e branco. Em havendo mais uma cor como termo básico, o esquema aponta que essa cor, necessariamente, será o vermelho. Na sequência, cada cor adicional segue o esquema proposto, em que a existência de TBCs de um estágio avançado implica na existência de TBCs de estágios iniciais. As quatro cores restantes (cinza, laranja, roxo e rosa) não mostram nenhuma ordem especial. Algumas alterações, como a posição do azul e do cinza nessa hierarquia, foram sugeridas em (WITKOWSKI e BROWN, 1977), que trazem a afirmativas de que os termos básicos de cores, apesar de estabelecidos, não são estáticos em ordenação quando observados a partir de determinados estágios como pode ser visto na Figura 2, abaixo:

Figura 2: Proposta de reformulação de Witkowski e Brown



Fonte: Witkowski e Brown (1977, p. 52).

Como podemos observar, na Figura 2, a sequência revisada de codificação de cores de B&K fornecida na Figura 1 é reformulada para melhor contabilizar os dados de cores e esclarecer a natureza dos universais da nomenclatura de cores e como elas representam o estabelecimento de um acervo ordenado sequencial, mas, em certa medida, relativamente.

Além disso, a sequência reformulada trata estritamente das categorias de matiz consideradas por B&K (1969). Pode ser visto na Figura 2 que a sequência de codificação básica de B&K ainda está lá, mas foi um pouco alterada. O vermelho focal geralmente é codificado primeiro, depois o amarelo focal, o verde, e / ou o azul (estágio B), mas em nenhuma ordem particular. Da mesma forma, o marrom focal, o rosa, o roxo e o laranja (estágio C) são decodificados apenas depois que todas as quatro matizes primárias são codificadas – ou, em muitos poucos casos, após os três - mas, novamente, em nenhuma ordem particular dentro de cada estágio. Vale dizer que o branco e o preto não foram colocados na tabela por não terem sofrido nenhuma alteração significativa na ordenação do estágio, uma vez que ainda aparecem encabeçando o esquema.

Essa reformulação está de acordo com todos os dados de nomenclatura de cores existentes, ao passo que a sequência de codificação formulada mais fortemente por B&K contém inúmeras exceções. Além disso, apesar de ter surgido uma organização menos rígida da ordem dos TBCs, é pouco provável que tais pressupostos sejam comprometidos pelo acúmulo de dados de nomenclatura de cores. Mas o mais importante, a Figura 2 fornece uma imagem clara dos universais da classificação das cores e sugere uma explicação imediata dessas regularidades percebidas a partir dos estágios constatados na hierarquia dos TBCs.

Não se pode deixar de ressaltar que a hipótese de B&K da universalidade ganhou considerável aceitação ao longo dos anos e foi massivamente revisitada e citada em inúmeros trabalhos. Porém, houve também algumas críticas relacionadas à maneira pela qual os testes eram feitos, uma vez que eram mais intuitivos do que objetivos, o que, para alguns estudiosos, pode torná-los inconsistentes para comprovação da hipótese de B&K. Outra preocupação era com o fato de que as línguas inicialmente estudadas eram escritas e de sociedades industrializadas (cf. KAY e REGIER, 2003).

Em resposta a essas inconsistências encontradas na primeira publicação de 1969, os autores reaplicaram e republicaram os estudos com base em diferentes tarefas e o acréscimo de outras línguas, pois na primeira publicação foram analisadas 20 línguas e feito apenas o teste focal, mas, ao atualizarem os dados da pesquisa em 1991, foram analisadas 110 línguas e, além do teste de focal, foram acrescentados os testes de listagem e nomeação. Essa

atualização além de tornar os dados mais robustos trouxe uma demonstração factível do que fora discutido e apresentado até então sobre a universalidade dos TBCs.

Algumas críticas foram justificadas a partir da afirmação de que os itens lexicais de uma língua não podem ser ténues quando postos em relação a outros. Para Lucy (1994), um item lexical precisa seguir padrões de referência característica e de distribuição formal para que ele tenha valor semântico e uma pesquisa sobre universal semântico de cor deve levar em conta ambos fatores. Porém, por vezes, esses fatores são ignorados em pesquisas sobre TBCs, uma vez que volta-se muito a atenção apenas em sobreposição denotacional entre idiomas e se esquece de observar o uso desses termos em situações de uso real.

Nos estudos de B&K, na tarefa de nomeação eram apresentados 330 cartões de 5,5 x 5,5 cm da tabela de Munsell individualmente e na tarefa focal era apresentado um painel com todas as cores da tabela de uma vez. Segundo Lucy, os estímulos trazidos a partir da exposição dos cartões que seriam nomeados, de certa forma, forçava os informantes a fazer microcomparações referenciais e julgamentos que não se costuma fazer em situações de uso, ou seja, ao invés de o falante nomear objetos reais e comuns aos falantes, eles nomeiam cartões com cores predefinidas na tabela de Munsel, o que poderia, de certa forma, influenciar no resultado.

Em outras palavras, uma vez que os termos foram colocados em uso real em uma tarefa diferente da rotulagem, seus valores referenciais típicos tornaram-se claros. Às vezes esquecemos que as palavras existem não apenas para fornecer uma lista de rótulos para a realidade, mas para realizar um trabalho comunicativo, neste caso, distinguir objetos ou condições. É sobre tais casos de uso que devemos nos debruçar se quisermos entender sua semântica. (LUCY, 1994, p. 324).⁴

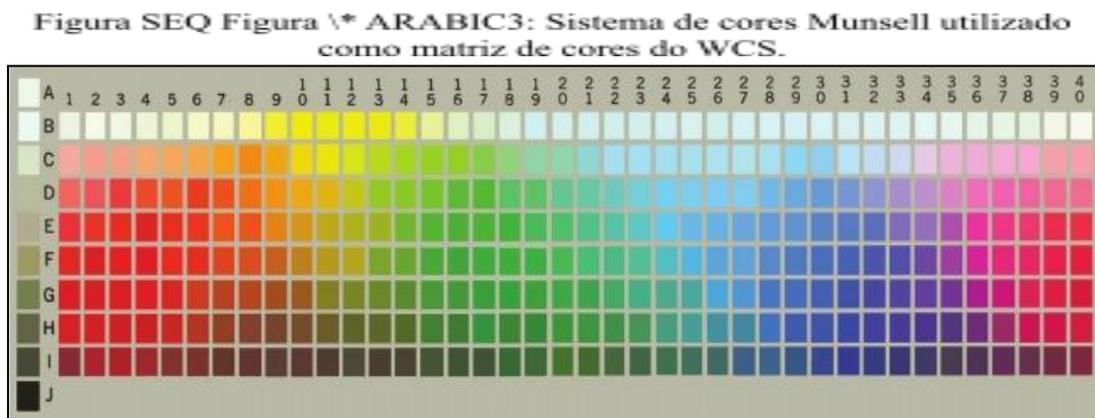
Essas refutações, apesar de terem questionado o método utilizado por B&K não chegaram a descredibilizar suas constatações, visto que suas análises não apenas continuam sendo referência na delimitação das análises dos TBCs como, também, têm sido revisitadas e revisadas em distintas pesquisas que visam compreender e contrapor os universais semânticos de cores, inclusive os próprios autores continuam revisitando seus materiais.

A distribuição hierárquica das cores resulta de diferentes procedimentos experimentais amplamente replicados e, por vezes, revistos, como supracitado. Foram-se adicionando novas línguas ao estudo original, no qual falantes de 98 línguas receberam as tarefas de: nomear

⁴ In other words, once the terms were put into actual use in a task Other than that of labeling, their typical referential values became clear. We sometimes forget that words exist not simply to provide a list of labels for reality but rather to accomplish communicative work, in this case, distinguishing objects or conditions. It is to such cases of use that we must turn if we are to understand their semantics.

diferentes cores por meio da tarefa de nomeção (*color naming task*), a partir da qual foi possível mapear a denotação de cada termo num espectro de 330 cores provenientes da *Munsell Color Company*, e selecionar nesse mesmo espectro de 330 cores a cor que melhor representava cada TBC na tarefa chamada de tarefa focal (*focal task*) em que todas as cores eram expostas de uma vez em um painel e os informantes precisavam dizer quais os protótipos que melhor representavam os TBCs. Não confundir tarefa focal com Cor Focal que é como os autores se referem ao acervo de 11 cores do inventário do universal semântico de cor a essas 11 cores eles chamarão de branco focal, preto focal etc.

Como dito, Kay, Berlin e Merrifield (1991) revisaram o procedimento de nomeação, desta vez apresentando, individualmente, cada amostra de cor (ao invés de apresentarem todas as cores de uma vez, como no estudo original), e ampliaram a amostra para 110 línguas com 4 a 25 participantes por língua, cujos dados obtidos compõem o projeto *World Color Survey* (WCS), com um espectro de referência de 330 cores (Figura 3).



Fonte: Extraído do Projeto *World Color Survey* (Kay, Berlin, Maffi, Merrifield, 2009), disponível em <http://www1.icsi.berkeley.edu/wcs/>.

A tarefa focal, além de colaborar no mapeamento denotacional dos TBCs e no levantamento desse repertório, permitiu, também, observar com mais clareza o caráter universal dos TBCs e reafirmar a saliência dessas cores, conforme Taylor (1995, p. 9, tradução nossa) afirma:

Embora a gama de cores designada pelo vermelho (ou seu equivalente em outras línguas) possa variar de pessoa para pessoa, há uma unanimidade notável sobre o que constitui um bom vermelho. Prestar atenção à gama denotacional dos termos de cores destaca a especificidade da linguagem da terminologia de cores; extrair bons exemplos de termos de cores destaca o que é comum entre as línguas.

Assim, apesar de as línguas apresentarem vocabulários distintos, um mesmo conjunto de cores é sempre extraído e categorizado, constituindo o que a Teoria de B&K chama de inventário universal. Com o avanço desses estudos e da tecnologia utilizada nas investigações, novos argumentos passaram a reforçar a hipótese de universalidade, considerando, por exemplo, fatores neurológicos da percepção, biológicos e físicos. Levando em conta esses fatores, um bom exemplo de vermelho seria aquela amostra cuja “luz possui um comprimento de onda que produz uma taxa máxima de disparo nas células que respondem à luz na região vermelha” (TAYLOR, 1995, p. 14). Por isso, ao que parece, a percepção induz a categorização, tendendo a universalizar esse processo.

Um dos motivos que nos levam a voltar atenção aos TBCs em Libras e língua portuguesa está relacionado ao fato de que a maior parte das investigações a respeito dos TBCs está concentrada em línguas orais. Os estudos com cores em línguas de sinais na perspectiva de B&K ainda são incipientes e merecem nossa atenção. Vale mencionar que uma das críticas feitas ao estudo original de B&K dizia respeito às características dos falantes e das línguas investigadas, consideradas línguas de sociedades industrializadas, grafocêntricas e, portanto, com forte incidência de uma lógica ocidentalista, motivo que fez os autores ampliarem a amostra e direcionarem a atenção para línguas ágrafas, falantes monolíngues e sociedades mais afastadas dos centros urbanos (KAY & REGIER, 2003). De igual modo, estudos com línguas de sinais e falantes surdos podem ampliar ainda mais a nossa compreensão, dada as especificidades da modalidade e da população em questão.

1.2 Categorização de cores em línguas de sinais

As línguas de sinais podem expressar cores a partir de itens compostos, empréstimos, derivação, apontação para objetos que apresente cores bem familiarizadas, entre outras estratégias. O que deve ser observado quando se fala em línguas de sinais é que os estudos aqui referenciados apontam que, assim como nas línguas orais, elas apresentam uma vasta gama de termos para se referir a cores. À medida que mais pesquisas são realizadas sobre a variação das línguas de sinais, está se tornando claro que o domínio semântico dos termos de cor frequentemente exhibe variação lexical intralinguisticamente. Estudos recentes relatam que a Língua de Sinais Italiana tem pelo menos oito variantes lexicais para 'marrom' e 11 para 'azul' (SILVER, 2012), enquanto a Língua de Sinais Britânica tem nada menos que 14 itens lexicais variantes para 'cinza' e 22 variantes lexicais para 'roxo' (STAMP, 2013, p. 238).

Outras línguas de sinais que apresentam variações neste domínio inclui a Língua de Sinais Australiana (JOHNSTON, 1998), a Língua de Sinais Alemã (EICHMANN e ROSENSTOCK, 2014) e Língua de Sinais Japonesa.

No que diz respeito a TBC, Woodward (1989) traz um dos primeiros estudos sobre o assunto nessas línguas num trabalho intitulado *Basic Color Term Lexicalization across Sign Languages*. O trabalho foi feito com dez línguas de sinais, mas não descreve o procedimento metodológico para a obtenção dos resultados publicados (ver Figura 4).

Figura SEQ Figura V* ARABIC4: TBC em dez línguas de sinais.

Variedade em LS	Termos básicos de cor				
Ilha de Providência		BRANCO			
		PRETO			
ASL	(CINZA)	PRETO	VERMELHO		
		BRANCO			
LSF		PRETO	VERDE/AZUL		
China Continental		PRETO	VERMELHO		
		BRANCO	AMARELO		
Hong Kong		PRETO	VERMELHO	AMARELO	
		BRANCO		VERDE	
				AZUL	
Índia	(CINZA)	PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	
				AZUL	
Arábia Saudita		PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	
				AZUL	
Japão		PRETO	VERMELHO	AMARELO	AMARELO
		BRANCO		VERDE	ROXO
				AZUL	
Tawan		PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	ROXO
				AZUL	
Austrália		PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	ROXO
				AZUL	ROSA

Fonte: Extraída de Woodward, 1989.

De acordo com o autor, das dez línguas de sinais, apenas três se encontravam no último estágio da ordem evolutiva de lexicalização de TBC (línguas de sinais japonesa, tailandesa e australiana).

Outro estudo relevante sobre o assunto foi feito na língua de sinais indonésia por Palfreman (2016) que levou em conta elementos semânticos e morfológicos a respeito dos itens lexicais referentes a cores. Nesse estudo foram feitos levantamentos a partir de dados fornecidos por seis falantes provindos de Solo e seis Falantes provindos de Makassar.

Nele foi constatado que muitos dos sinais que categorizam cores são, na verdade, variações de outros termos influenciados pela *American Sign Language* (ASL) e também pelo fato de as línguas locais das duas regiões terem sofrido mudanças, uma vez que, “no início do século XX, o javanês era dominante na maior parte de Java, mas no final desse século a língua dominante mudou para o bahasa indonésio” (PALFREYMAN, 2016, p. 287) e na categorização das cores o que se percebe é não apenas influência da ASL como também da antiga língua da região e do atual bahasa indonésio. Apesar de aqui não se tomar como base direta a teoria de B&K, os dados fornecidos nos levam a pesquisar sobre até que ponto as línguas orais locais atravessam as Línguas de Sinais (LSs) de maneira que geram uma grande influência na hora de categorizar TBCs ou até mesmo outros campos semânticos de categorização. Apesar de haver tantas variações não se quer dizer que não existam os termos básicos de cores na língua.

Outro estudo feito na LS da Estônia por Hollman (2016), que levou em conta os critérios dos antropólogos B&K, principalmente no que diz respeito à saliência e que será tomado como base metodológica, concluiu que a Língua de Sinais da Estônia (EVK) possui 9 termos básicos de cores: sendo eles preto, branco, vermelho, amarelo, verde, azul, cinza, marrom e rosa/roxo. Ainda segundo Hollman (2016, p. 3) “esses termos eram fonologicamente simples e sua aplicação não era restringida pelos objetos que eles descreveram”. Essa análise chega à conclusão de que, apesar de no Estoniano existirem 11 termos básicos de cores, na EVK esse número é menor, Sutrop (2002). A suposição é de que termos que não apareceram podem surgir por influência da própria língua oral local, no caso o estoniano.

Dados provenientes de uma pesquisa em variação linguística da Língua de Sinais Espanhola (LSE) de Báez-Montero e Fernández-Soneira (2016), nos mostram que a LSE apresenta alguns dados interessantes a respeito dos termos básicos de cores uma vez que eles foram documentados a partir da busca pela aparição de TBCs da LSE em glossários ao passar do tempo. Mesmo que a finalidade desta pesquisa não tenha sido estudar TBCs podemos observar que os dados nela obtidos nos mostram a recorrência, nessa língua da hierarquia, desses termos.

Essa constatação pode ser corroborada pela observação de dados documentados como se pode ver na Tabela 1, abaixo.

Tabela SEQ Tabela * ARABIC 1: Cores e números em Língua de Sinais Espanhola (LSE)

	white	black	red	green	blue	Yellow	orange	brown	pink	purple	grey
Fernández Villabrille (1851)		X	X								X
Marroquín (1975)	X	X	X	X	X	X					X
Pinedo Peydró (2005)	X	X	X	X	X	X			X		X
Cecilia Tejedor (2006)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
DILSE (2011)	X	X	X	X	X	X			X		

Fonte: Báez-Montero e Fernández-Soneira (2016)

Pode-se observar, a partir dos dados da tabela, que os termos de cores vão, em certa medida, sendo acrescentados de maneira gradual, pois no glossário de Fernández Villabrille (1851) há incidência apenas do PRETO, o VERMELHO e CINZA. Quando olhamos para dados mais recentes, vimos o acréscimo de praticamente todos os outros termos. Os termos de cores mais básicos, na extremidade esquerda da hierarquia, estão também entre aqueles mais estáveis em LSE, ou seja, PRETO, BRANCO e VERMELHO.

Nesse mesmo estudo, Báez-Montero e Fernández-Soneira (2016) analisaram de forma comparativa as possíveis influências que a língua espanhola pode ter sobre termos em Língua de Sinais Mexicana (LSM) e perceberam que todos TBCs podem ser constatados em LSM e esses termos podem ser modificados por outros sinais. A evidência disso pode ser constatada nos resultados obtidos em Báez-Montero e Fernández-Soneira (2016), uma vez que, ao mostrarem os sinais que designam TBCs de outra região, os participantes comentavam que conheciam algumas pessoas que usavam aqueles sinais. Ou seja, sinalizantes de todas as regiões reconheceram os sinais de cores de outras regiões, embora possam preferir usar suas próprias variantes. Outros termos secundários, que não se enquadram nos TBCs de B&K também podem ser encontrados, como o caso dos que designam metais como bronze, ouro e prata (HENDRIKS, 2016, p. 342).

Enquanto em algumas línguas de sinais como a LSE e LSM existem TBCs estabelecidos podemos observar que outras LS ainda não recorrem a TBCs de forma tão estabelecida. Para a Língua de Sinais Neo Zelandesa (NZSL), McKee (2016) chegou à conclusão de que o número de sinais de cores ainda é pequeno

em comparação com o vocabulário de cores do inglês; não há termos estabelecidos para cores intermediárias, como turquesa, malva, cáqui, bege, marrom, nem para nomear tons dentro de uma gama de cores que são distinguidas em inglês, como azul celeste, azul royal, azul francês, azul marinho. (MCKEE, 2016, p. 21)

No que diz respeito à categorização de termo de matiz de cor a partir de itens lexicais, a autora enxerga uma problemática a ser considerada, pois na categorização hierárquica de B&K (1969) fatores como complexidade cultural e, por consequência, linguística do meio ambiente não são considerados, o que pode fazer com que, de acordo com o quantitativo de termos de cor identificados na NZSL, a partir dos critérios de B&K, categorizaria como uma língua que apresenta um número menor do que pode realmente existir de TBCs, menos que dois termos.

Esses entraves são provenientes, em primeiro lugar, do fato de que muitos sinais de cor derivam da referência a objetos do campo concreto para identidade de cor (por exemplo: lábios / vermelho, dentes / branco), o que foge a um dos critérios de referência para formar as categorizações de cor; em segundo lugar, as características conceituais e de forma de termos de cores em línguas de sinais podem ser fortemente moldados pelo contato com língua (s) falada (s), que as atravessam (McKee, 2016).

Em um estudo feito por Lucina Ferreira Brito, que se propôs a analisar termos básicos de cores em Libras e em Língua de Sinais Urubu-Kaapor (LSUK), língua falada em uma aldeia da floresta amazônica brasileira, a autora esbarrou nessas mesmas questões que, inclusive, levaram-na a concluir que “os sistemas de cores nas línguas de sinais – LIBRAS e LSKB – ao contrário dos sistemas das línguas orais, são defectivos e inconsistentes” (BRITO, 2010, p. 168). Ainda nessa mesma perspectiva, a autora afirma que as línguas de sinais tendenciam explorar muito mais a *forma*, o *tamanho* e o *movimento* quando descrevem seres e eventos do que as cores.

As conclusões acima apontam que, em se tratando de TBC, há de se considerar os 5 critérios utilizados por B&K na hora de analisá-los, o que gera questões de aplicabilidade em línguas de modalidade visuoespacial que merecem ser discutidas.

Nyst (2007) aborda esses critérios em sua análise quando fala sobre o fato de que “o termo não deve estar associado ou ser derivado de outro e não deve resultar de empréstimo recente”. Alguns sinais, como VERMELHO em Libras, Língua de Sinais Americana (ASL) e Língua de Sinais Francesa (LSF), parecem apontar para objetos ou regiões que possuem a cor de referência. No caso da Libras, o sinal é feito com o dedo indicador nos lábios. O mesmo acontece com outras cores em ASL e LSF, como preto e branco. Em outros casos, o termo parece ter status de TBC, mas deriva de empréstimo por meio de inicialização datilológica, como PRETO e AZUL ou denominam outros objetos, como LARANJA em Libras.

Ainda segundo Nyst (2007, p. 91), as línguas de sinais seguem a hierarquia de B&K, sendo esses termos formados de cinco maneiras diferentes:

1. Derivação: é usado um sinal (derivado) para especificar um elemento de cor específica e usa-se o sinal que especifica esse elemento para incluir referência à cor, como acontece com a fruta laranja e a cor laranja.
2. Apontação: um objeto disponível diretamente no ambiente é apontado.
3. Boca: Algumas línguas de sinais têm um conjunto de pronúncias coloridas (movimento da boca baseado em palavras faladas) que combinadas com um sinal manual formam o sinal para alguns TBCs.
4. Inicialização: são usados sinais que incorporam uma forma de mão em datilologia que representam as letras iniciais da cor em língua oral.
5. Sinais arbitrários: quando não é detectada nenhuma das formações acima.

A maneira como as línguas de sinais categorizam seus TBCs nos leva a refletir sobre os critérios de hierarquia estabelecidos por B&K, mas não os anulam, pois “a correlação entre sinais de cores e sua motivação reflete a ordem interna da hierarquia de cores” (NYST, 2007, p. 93)

Estudos como este de Nyst (2007) ou Nonaka (2004) corroboraram com a Teoria de B&K acerca dos TBCs, embora não utilizassem o mesmo método deles para a coleta de dados. Zeshan & Sagara (2016) promoveram um estudo tipológico mais amplo envolvendo cores, parentesco e quantificadores e 33 línguas de sinais. Embora haja referência a B&K, o método utilizado pela equipe de pesquisadores segue um direcionamento próprio, com um número mais reduzido de cores, outros procedimentos como games e um foco mais voltado para a classificação tipológica, motivos pelos quais nem todas as línguas forneceram dados de igual modo. Hollman (2016) é uma exceção nessa obra. A autora se dedica a mapear e

identificar a saliência das cores na Língua de Sinais da Estônia, ao passo que colabora para o estudo tipológico.

O estudo aqui proposto pretende ampliar essa discussão envolvendo a Libras, atualmente sem dados para o assunto em questão, seguindo as constatações do estudo original de B&K, mas com adaptação metodológica baseada em estudos de Hollman e Uuskula (2012) e Hollman (2010), no sentido de mapear a nomeação dos termos básicos de cor e apontar a saliência dessas cores na produção linguística dessa língua e verificar características que possam corroborar com as hipóteses da universalidade e da ordenação previsível da categorização dos TBCs no campo da Libras, ao passo que far-se-á um contraponto com dados da língua portuguesa a fim de observar em que medida e/ou se uma interfere na outra na categorização de TBCs.

Mediante o aporte teórico-metodológico supracitado, entraremos então na descrição da nossa metodologia que, apesar de ter passado por alguns ajustes contextuais, conta basicamente com a estruturação dos estudos e desdobramentos dos escritos de Hollman e Uuskula (2012) e Hollman (2010).

2. METODOLOGIA

Desenvolvemos um estudo de caráter experimental seccional descritivo comparativo que conta com duas tarefas adaptadas dos procedimentos de *Kay et al* (2009), Berlin, Maffi, Merrifield (2009) e Davies & Cobett (1994, p. 69-72), sendo este último também utilizado no estudo sobre TBC em Língua de Sinais da Estônia (HOLLMAN, 2010). As tarefas foram: teste de listagem e teste de nomeação, com os objetivos de comparar os TBCs utilizados nas línguas estudadas, ranquear os termos em cada língua e entre elas e verificar o índice de saliência e dominância dos termos e cores nas línguas aqui envolvidas – o português e a Libras –, o que será melhor abordado no capítulo 3. O experimento foi realizado em diferentes ambientes como trabalho, faculdade ou casa, de acordo com a conveniência dos participantes e alinhamento com suas atividades. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL e aprovado sob CAAE de N° 52889221.9.0000.5013.

2.1 Amostra

Obtivemos amostras distintas para cada uma das tarefas propostas, divididas em duas análises. Para o teste de listagem, contamos com uma amostra em que foram entrevistados 11 falantes do Português e 11 falantes da Libras sem domínio da língua portuguesa. Já para o teste de nomeação, contamos com 09 falantes ouvintes e 09 falantes surdos

Todos os participantes eram maiores de 18 anos e residentes em Alagoas (Tabela 2). Apenas 03 participantes surdos não residiam em Maceió, mas sim nas cidades de Atalaia, União dos Palmares e Coité do Nóia. Os participantes surdos deveriam declarar perda auditiva bilateral⁵ e possuir a Libras como primeira língua. Todos os incluídos concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo acesso aconteceu no momento dos testes em que, quando ouvinte o participante lia o documento e depois o assinava e, quando o participante era surdo, acontecia interpretação do TCLE para Libras por meio de um intérprete que executava a tradução do documento.

⁵ Para os fins desse estudo, quando nos referirmos à pessoa surda, estaremos considerando aquelas que possuem perda auditiva em ambos os ouvidos (bilateral), incapazes de ouvir sons acima de 91 decibéis (profunda) e ocorrida precocemente, antes de a criança adquirir língua (pré-linguística). Para analisar e aceitar os informantes surdos, recorreremos a autodeclaração.

Tabela 2: Síntese das informações do total de participantes

Teste	Língua	Total de participantes	Homens/ Mulheres	Idades	Mediana das idades
Listagem	Português	20	7 / 13	25 a 56	34
	Libras	11	6 / 5	19 a 34	26,81
Nomeação	Português	19	7 / 12	25 a 56	32,85
	Libras	9	6 / 3	19 a 34	27,11

Fonte: Autor, 2023.

2.2 Procedimentos

Após a assinatura do TCLE e antes de iniciar as tarefas, foi realizada uma entrevista inicial com os questionamentos abaixo (as informações entre colchetes foram solicitadas apenas aos participantes surdos):

- Nome;
- Idade;
- Cidade onde mora;
- Escolaridade;
- [Idade em que aprendeu a Libras];
- [Se os pais são falantes da Libras];

Por meio dessas informações, foi possível entender melhor cada realidade contextual dos participantes e estar atento a grandes discrepâncias que pudessem sobressaltar quando da análise dos dados e também ter um mapeamento do perfil social desses participantes. A síntese das informações coletadas individualmente encontra-se no Anexo 1. Após a entrevista, iniciamos os procedimentos de coleta descritos abaixo.

2.3 Tarefa 1 - listagem de cores

Os participantes foram acolhidos e informaram, diante de uma câmera, os termos de cores que lembraram num tempo livre. A instrução para esta tarefa foi “diga, no seu tempo, o maior número de cores que você conhece e lembra”, dada diretamente nas línguas envolvidas. Para maior precisão e integridade da descrição, a temática da tarefa e da pesquisa só era informada segundos antes do início da coleta (quando possível, no momento da instrução), evitando, assim, efeito de *priming*, e, além disso, o campo de visão dos participantes continha,

sempre que possível, apenas objetos indispensáveis para a pesquisa, além da presença do pesquisador e do intérprete de Libras (quando necessário). Encerramos esta tarefa quando o participante afirmava já ter finalizado a listagem. Na sequência, iniciamos a Tarefa 2.

2.4 Tarefa 2 - nomeação de cores

Nesta tarefa, exibimos 65 diferentes cartelas de cor numa ordem aleatória e solicitamos aos participantes que nomeassem as cores exibidas em cada cartela apresentada, uma por vez. A mesma câmera utilizada na Tarefa 1 captou os termos produzidos pelos participantes (em ambas as línguas) e, ao mesmo tempo, o verso das cartelas exibidas contendo uma numeração, útil para a identificação da cor no momento da transcrição.

2.5 Material

Para a Tarefa 2, utilizamos como referência a matriz simplificada de 65 cores desenvolvida por Davies e Greville Corbett 1994, 1995 (Tabela 3). A matriz foi composta de cartelas de cores com dimensões de 5 x 5cm., identificadas com uma numeração no verso.

Tabela 3: Matriz de referência composta pelos códigos da Color-aid corporation e coordenadas da Commission Internationale de l'Eclairage (C.I.E).

ID	Color-aid codes	Coordenadas C.I.E. y	x redness	y greenness
01	Y	HUE 64.77	.47	.48
02		S2 16.99	.41	.44
03	YOY	HUE 47.48	.50	.43
04		T4 55.63	.45	.41
05		S2 22.08	.36	.38
06	YO	HUE 39.52	.51	.41
07		T3 47.02	.48	.41
08		S3 10.72	.36	.41
09	OYO	HUE 26.51	.54	.37
10	O	HUE 25.00	.54	.37
11		SI 14.34	.50	.37
12		S3 9.15	.42	.36
13	ORO	HUE 18.87	.57	.34
14		T3 36.88	.46	.35
15		S3 26.51	.33	.32
16	RO	HUE 16.22	.58	.33
17		T3 32.66	.45	.32
18		S3 4.19	.37	.34
19	ROR	HUE 15.23	.53	.31

20		T3	29.82	.42	.30
21		S3	20.71	.34	.28
22	R	HUE	11.71	.50	.29
23		T4	24.34	.40	.27
24		S3	4.81	.33	.30
25	RVR	HUE	9.11	.42	.24
26		SI	12.79	.35	.25
27		S3	28.43	.36	.28
28	VR	HUE	6.97	.33	.19
29		T2	14.51	.31	.19
30	VRV	HUE	6.71	.30	.19
31		S3	28.42	.36	.28
32	V	HUE	4.67	.26	.17
33	VBV	HUE	4.13	.24	.17
34		T4	19.05	.25	.20
35	BV	HUE	4.21	.22	.19
36		S2	7.88	.25	.26
37	BVB	HUE	4.80	.19	.13
38		S3	26.65	.26	.23
39	B	HUE	9.51	.18	.16
40		TI	19.02	.20	.19
41	BGB	HUE	9.62	.19	.19
42		T3	23.08	.20	.23
43	BGB	HUE	8.93	.20	.25
44		TI	16.57	.19	.25
45		S2	7.42	.21	.26
46	GBG	HUE	10.69	.23	.37
47		S2	20.79	.20	.25
48	G	HUE	11.99	.24	.42
49		S3	6.10	.26	.33
50	GYG	HUE	12.89	.25	.44
51		T4	31.14	.26	.41
52		SI	15.59	.26	.31
53	YG	HUE	14.66	.28	.48
54		S3	5.78	.30	.34
55	YGY	HUE	18.92	.30	.51
56		S3	35.87	.35	.43
	ROSE		17.63	.41	.24
57	RED				
58	WHITE		81.40	.32	.33
59	SIENNA		13.31	.44	.36
60	BLACK		3.59	.34	.33
61	GRAY 2		30.59	.32	.33
62	GRAY1		47.55	.32	.33
63	GRAY 4		18.88	.31	.31
64	GRAY 6		11.20	.31	.31

65	GRAYS	4.53	.31	.32
----	-------	------	-----	-----

Fonte: Davies e Greville Corbett (1994, 1995).

Os códigos da Tabela 3, acima, foram convertidos nas cores de referência, conforme Figura 5, abaixo. Há diferentes sistemas de cores possíveis de serem utilizados. Para facilitar uma possível conversão entre os sistemas, Davies et. al (1992) disponibilizaram medidas em coordenadas CIE que, basicamente, descrevem as cores em termos de intensidade da luz (Y), proporção de vermelho (x) e proporção de verde (y). Segundo os autores, há um quarto parâmetro (z), mas este é derivado de x e y (para maiores detalhes a respeito do processo de composição desse total de 65 cores, ver Davies, Macdermid et. al, 1992, p. 1097).



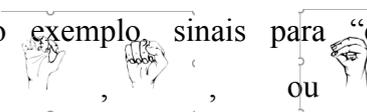
Fonte: autor, 2023.

2.6 Transcrição da coleta

A metodologia de coleta aqui empregada permite que os dados obtidos sejam controlados, mas, ao mesmo tempo, mantém a possibilidade de os participantes responderem livremente de acordo com o que é elicitado. Nesse sentido, a multiplicidade das respostas, seja em nível fonético, morfológico ou mesmo sintático, era um fator previsível e alguns critérios de seleção e transcrição precisaram ser adotados.

As diferenças fonéticas e morfológicas foram desconsideradas, com exceção de mudanças provocadas por processos de composição e por adjetivação com o sufixo “ado”



(azulado, rosado, acinzentado). Assim, mudanças de pronúncia ou gênero e grau, por exemplo, foram registradas de maneira única. No Português, termos como “branco/a”, “branquinho/a”, “claro/clarinho”, “marelo/amarelo” tomaram uma única forma para fins de registro. Em Libras, como exemplo, sinais para “escuro” que finalizavam com as Configurações de Mão (CM) , ou também foram transcritos de uma única forma. Mudanças de ordem também foram neutralizadas na transcrição. Em Libras, casos como AZUL-ESCURO / ESCURO-AZUL assumiram uma única ordem.

Na tarefa de listagem, as repetições de termos já mencionados foram excluídas da análise, mantendo apenas a primeira menção. Para os casos em que foram produzidos termos diferentes para uma mesma cor, ambos os termos foram registrados sob nomenclaturas distintas, como o exemplo a seguir que serve para as duas línguas: PRETO e NEGRO, mantendo o registro de ambos. Este último critério serviu para as duas tarefas. Em Libras, os sinais soletrados também tiveram o registro mantido, por exemplo: BEGE (sinal) e B-E-G-E (soletrado), ambos registrados separadamente.

Na tarefa de nomeação em Libras, outros casos precisaram de maior atenção. Para algumas cores apareceram com frequência a combinação do sinal MISTURAR, como, por exemplo, AZUL-MISTURAR-CINZA. Nesses casos, aguardamos uma definição do participante sobre o termo ou, quando não houve a escolha pelo participante, definimos a forma *azul_acinzentado*, seguindo a ordem em que os termos apareceram⁶. Noutro exemplo, o sinal MISTURAR foi ignorado, como: AZUL-MISTURAR-CLARO, ficando o registro de *azul_claro*, apenas.

Ainda na tarefa de nomeação, observamos, também, o efeito de *priming* quando duas cores parecidas eram mostradas em sequência, levando os participantes, em alguns casos, a adicionar um adjetivo que diferenciava a cor atual da anterior. Por exemplo: “verde... verde claro... verde mais claro (que a anterior)”. Nesses dois últimos casos, mantivemos o registro de *verde_claro*. O efeito não pôde ser evitado, pois a apresentação das cartelas foi randomizada. Houve casos, também, em que a expressão para nomear a cor foi “a mesma cor (que anterior)”, para a qual definimos o registro da cor em questão, efeito este também aconteceu na coleta em Libras. Em poucos momentos, o participante dizia o sinal da cor e sentia a necessidade de dizer o seu nome em Português por meio da soletração. Nesses casos, mantivemos o registro do termo associado ao sinal e não à soletração, com exceção dos casos

⁶ Para os termos que envolveram a cor roxa não foi possível seguir a ordem. Assim, tivemos dois casos: AZUL MISTURADO ROXO □ *roxo_azulado* / ROSA MISTURADO ROXO □ *roxo_rosado*.

em que se tratava de um sinal soletrado não assumindo papel de complemento, como B-E-G-E.

Quando mais de um termo foi utilizado para nomear uma cor, mantivemos a última opção como registro, compreendendo ser esta a escolha mais consciente dos participantes. Uma outra abordagem poderia levar em consideração a resposta mais imediata e intuitiva, pensando, inclusive, em tempo de resposta como variável, mas para os objetivos aqui propostos, seguimos na mesma direção das referências tomadas, embora essa informação não seja diretamente retratada em Uusküla, Hollman e Sutrop (2012, p. 57, tradução nossa). Encontramos o relato “Eles geralmente descreviam a cor do *card* que viam com uma expressão, como ‘isso é uma mistura de azul e verde misturado com um pouco de preto’, e depois desistiam, dizendo ‘mas eu realmente não sei o nome dessa cor’”⁷. Neste exemplo, o registro foi de “desistência”, o que significa maior tempo e permissão para reflexão e decisão.

2.7 Registro dos dados obtidos

Os dados levantados em cada tarefa foram observados separadamente e submetidos a uma análise estatística no Excel por meio de percentual simples para descrição e cruzamento das informações. Fizemos as descrições por língua (entre participantes da mesma língua), por participante (individualmente, por língua) e entre as línguas envolvidas. Os TBCs registrados no levantamento em Libras foram replicados por um sinalizante e registrados em imagens e podem ser conferidos no anexo II deste trabalho.

Na Tarefa 1 (listagem de sinais de cores), os dados foram utilizados para obter informações acerca da saliência dos TBCs. Cores mais salientes tendem a aparecer primeiro na listagem e são mais frequentes entre os participantes. Assim, analisamos a frequência e a média da posição em que os termos de cor apareceram entre os participantes e, na sequência, calculamos o índice de saliência cognitiva (S). Conforme Sutrop (2001), o valor de S tem o potencial de refletir informações referentes ao quarto critério apresentado por B&K, a saber: “Deve ser saliente para os informantes, tendendo a ocorrer no início das listas eliciadas de termos de cor, estável em sua referência, ocorrendo nos idioletos de todos os informantes, etc”

⁷ *They usually described the colour tile they saw with an expression, such as “this is a mixture of blue and green blended with some black”, and then gave up, saying “but I really don’t know the name of this colour”.*

(BERLIN & KAY, 1969, p. 5, tradução nossa⁸). Os cálculos para se obter o valor de S serão apresentados no cap. 3, p. 35.

Na Tarefa 2 (nomeação de cor), os termos usados para nomear cada cartela foram registrados e somados os valores com e sem repetição de termos, considerando o total de participantes e as respostas individuais. Os dados foram utilizados para mensurar o índice de dominância (Davies e Corbett, 1994), responsável por demonstrar os termos de maior concordância entre os participantes, indicando, assim, os principais termos candidatos a TBC (se um termo apresenta ao menos 50% de concordância entre os participantes, tal termo é disposto entre os TBCs).

Na condução desta pesquisa, cada etapa foi meticulosamente examinada e os dados resultantes de cada tarefa foram submetidos a uma análise estatística detalhada utilizando a ferramenta Excel. Empregou-se o método de percentual simples para a descrição e a correlação das informações obtidas. As análises foram executadas com um foco específico: por língua (entre os participantes da mesma língua), por participante (avaliando individualmente dentro de cada língua) e entre as diferentes línguas envolvidas no estudo. Notavelmente, os Termos Básicos de Cores (TBCs) que foram identificados durante a coleta de dados na Língua Brasileira de Sinais (Libras) foram reiterados através de um sinalizador, capturados em imagens e estão documentados no apêndice II deste trabalho.

No contexto da Tarefa 1, centrada na listagem de sinais de cores, os dados adquiridos desempenharam um papel essencial na avaliação da proeminência dos TBCs. Essa avaliação foi alcançada por meio da observação da ordem em que os termos de cores apareceram nas listagens, considerando tanto a frequência quanto a média das posições entre os participantes. A subsequente determinação do índice de saliência cognitiva (S) foi efetuada. Seguindo a abordagem delineada por Sutrop (2001), o valor de S é intrinsecamente capaz de capturar informações relacionadas ao quarto critério proposto por Berlin & Kay, que se resume à destacada proeminência do termo na mente dos informantes, sua tendência a aparecer no começo das listas elicitadas de termos de cor e sua consistência em diferentes dialetos dos informantes. Os procedimentos de cálculo para a obtenção do valor de S serão minuciosamente apresentados no capítulo 3, página 35.

⁸ *It must be salient for informants, tending to occur at the beginning of elicited lists of color terms, stable in its reference, occurring in the ideolects of all informants, etc.*

No que tange à Tarefa 2, envolvendo a nomeação das cores, os termos empregados para categorizar cada cartela de cores foram meticulosamente registrados. Tanto os valores com repetições quanto sem repetições foram somados, abrangendo a totalidade dos participantes e também as respostas individuais. Os dados obtidos desempenharam um papel crucial na mensuração do índice de dominância, uma abordagem proposta por Davies e Corbett (1994). Esse índice tem o propósito de evidenciar os termos com maior nível de concordância entre os participantes, revelando assim os principais candidatos a serem considerados como Termos Básicos de Cores (TBCs). De acordo com esse critério, um termo que alcance um mínimo de 50% de concordância entre os participantes é incluído entre os TBCs identificados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos após a aplicação das tarefas de listagem e nomeação com os falantes de Libras e Português e discorreremos os achados de cada teste. Quando possível, relacionaremos os resultados aqui encontrados com outros estudos de mesma natureza feitos com outras línguas a partir do aporte teórico revisado no capítulo 1.

3.1 Dados da tarefa de listagem

Os dados coletados na tarefa de listagem estão sintetizados na Tabela 4, abaixo. Nessa etapa da análise, observamos, para cada língua, o total de termos para cores mencionados pelos participantes, o total de termos distintos e a média de termos mencionados entre os participantes desta tarefa (número de participantes entre parênteses).

Tabela 4: Total e distribuição dos termos de cores obtidos na tarefa de listagem em cada língua.

Língua	Total de termos	Termos distintos	Média de termos
Libras (9)	120	34	13,33
Português (9)	94	26	10,44

Fonte: autor, 2023.

A diferença da média de termos mencionados se acentua e a amplitude lexical muda significativamente para o Português, com um total que reduz quase pela metade, segundo o quantitativo de termos distintos mencionados nessa língua. Em Libras, a mudança no total de menções de termos distintos é mínima.

A amplitude lexical da categoria cor não parece divergir significativamente, dado o quantitativo de termos distintos mencionados entre as línguas. Vale lembrar que as mudanças fonéticas e morfológicas foram neutralizadas, com exceção daquelas provocadas por processos de composição e por adjetivação com o sufixo “ado” para o português. Além disso, os termos repetidos nessa tarefa foram desconsiderados. Um dos falantes da Libras repetiu significativamente alguns termos, mas seus dados foram incluídos, ainda que sem as repetições. Talvez os termos mais proeminentes sejam ativados na memória com mais facilidade e, por isso, possam se repetir, ou o participante pode estar, simplesmente, tentando

lembrar outros termos e, enquanto isso, repete alguns que já foram mencionados. Um outro participante da Libras produziu um sinal desconhecido registrado com a glosa *r_pedagogia*, pela semelhança com o sinal de pedagogia, mas com a CM em “R”. O sinal foi mantido.

Segue, na Tabela 5, abaixo, a listagem de termos produzidos em cada uma das línguas e o quantitativo de menções entre os participantes. Também veremos os termos mais citados e a correspondência aparente com os TBCs.

Tabela 5: Relação e quantitativo de termos mencionados na tarefa de listagem em ambas as línguas.

Libras		Português	
Glosa	Menções	Glosa	Menções
branco	9	azul	9
marrom	9	branco	9
amarelo	8	preto	9
azul	8	rosa	8
rosa	8	roxo	7
laranja	7	amarelo	6
preto	7	laranja	6
verde	7	verde	6
vermelho	6	vermelho	5
azul_claro	5	cinza	4
azul_escuro	5	marrom	4
cinza	4	bege	3
roxo	4	lilas	3
vinho	4	dourado	2
amarelo_claro	2	violeta	2
bege	2	azul_claro	1
cinza_claro	2	azul_escuro	1
negro	2	castanho	1
rosa_escuro	2	fucsia	1
roxo_claro	2	indigo	1
roxo_escuro	2	magenta	1
verde_claro	2	prata	1
verde_escuro	2	prateado	1
amarelo_escuro	1	purpura	1
b_e_g_e	1	verde_claro	1
cinza_brilho	1	verde_escuro	1
cinza_escuro	1		
dourado	1		
lilas	1		
moreno	1		
prata	1		
rosa_claro	1		
vinho_claro	1		
vinho_escuro	1		

Fonte: autor, 2023.

A média obtida desses valores é semelhante entre as duas línguas com destaque para o deslocamento do AZUL-CLARO e AZUL-ESCURO para a posição 10 e 11, enquanto o roxo não aparece dentre os 11 mais mencionados. Apesar da constatação de discrepâncias, não vemos diferença significativa no quantitativo de cores. Para uma alta confiabilidade dos resultados, é sempre recomendável um número amplo de participantes. Nossa amostra representa apenas uma pequena porção de falantes. Contudo, B&K, por exemplo, consideraram amostras com um número ainda menor de algumas línguas em particular, como é o caso do Jicaque, uma língua local da região de Honduras e contou com 10 participantes; Candoshi, falada no Peru e teve 11 participantes; Nahuat, falada no México e obteve a amostra de 06 sujeitos (KAY E REGIER, 2003).

Nesta seção, nos deparamos com uma análise detalhada dos resultados obtidos a partir das tarefas de listagem e nomeação realizadas com os falantes de Libras e Português. Ao explorar esses achados, somos conduzidos a uma compreensão mais profunda das nuances linguísticas e culturais que influenciam a expressão das cores nessas línguas. A intersecção entre os dados coletados e as teorias revisadas no primeiro capítulo proporciona uma plataforma para um exame comparativo mais amplo e significativo.

Iniciando com os dados da tarefa de listagem, a Tabela 4 apresenta uma síntese dos termos para cores mencionados pelos participantes de cada língua. Os totais de termos mencionados, a diversidade de termos distintos e a média de termos por participante são elementos centrais da análise. Notavelmente, o contraste entre as línguas se torna evidente ao examinarmos a média de termos mencionados. Esse contraste se intensifica particularmente para o Português, onde a quantidade de termos é reduzida pela metade, juntamente com a diminuição significativa de termos distintos. Por outro lado, em Libras, as mudanças no total de termos distintos são mínimas.

No que se refere à amplitude lexical na categoria de cores, as diferenças não parecem ser substanciais entre as duas línguas, considerando o número de termos distintos mencionados. É importante ressaltar que as variações fonéticas e morfológicas foram controladas, excluindo as alterações causadas por processos de composição e pela adjetivação com o sufixo "ado" no Português. A remoção dos termos repetidos também foi realizada, embora com algumas considerações para termos proeminentes que poderiam surgir repetidamente devido a mecanismos de memória.

A Tabela 5, por sua vez, traz a listagem dos termos produzidos em cada língua, juntamente com a frequência de menções entre os participantes. A análise desses termos mais

citados nos permite perceber o deslocamento de certos termos, como AZUL-CLARO e AZUL-ESCURO, para as posições 10 e 11, enquanto o termo "roxo" não é mencionado entre os 11 mais frequentes. Essas discrepâncias apontam para complexidades na categorização e expressão de cores nas línguas em análise. Apesar dessas variações, não se evidencia uma diferença substancial na quantidade total de cores mencionadas.

Ao contextualizar esses achados em relação a estudos similares realizados com outras línguas e embasados nas teorias revisadas no capítulo 1, a pesquisa ganha maior profundidade. A comparação com amostras menores de outras línguas realizadas por pesquisadores como Berlin e Kay nos permite considerar a representatividade da amostra atual e a abrangência das conclusões tiradas.

Em síntese, esta seção nos conduz a uma reflexão sobre a riqueza das nuances semânticas e linguísticas que permeiam a maneira como as cores são expressas em Libras e Português. A análise detalhada dos dados, aliada à contextualização teórica e à comparação com estudos semelhantes, contribui para uma compreensão mais abrangente de como as línguas em discussão estão em movimento e a maneira que os TBCs são categorizados nos remetem ao fato de que não se pode ignorar a abrangência que estudos semânticos comparativos a partir de campos específicos podem dar continuidade ao que fora consagrado dos registros literários, o que poderá ser constatado nas constatações seguintes.

3.2 Dados da tarefa de nomeação

Os dados dessa tarefa de nomeação estão sintetizados na Tabela 6, abaixo. Igualmente, destacamos, por língua, o total de termos mencionados pelos participantes e termos distintos, bem como a média de termos mencionados entre os participantes (número de participantes entre parênteses).

Tabela 6: Total e distribuição dos termos de cores obtidos na tarefa de nomeação em cada língua.

Língua	Total de termos	Termos distintos	Média de termos distintos
Libras (9)	584	55	24,33
Português (9)	585	57	19,77

Fonte: autor, 2023.

Os falantes de ambas as línguas produziram um número aproximado de termos distintos. No total de 65 cards nomeados por participante, apenas um passou sem registro por um falante da Libras, por erro do entrevistador⁹. Mesmo assim, a média de produção destes termos entre os falantes de Libras se manteve pouco acima quanto observados a partir da média de termos distintos, pois, no geral, ao se considerar todos os participantes entre cada língua, quando observada a variação de termos entre os participantes, na Libras houve maior recorrência de termos distintos.

Nessa tarefa, observamos bastante mudança de ordem em termos compostos em Libras, como AZUL-ESCURO / ESCURO-AZUL, além das produções que envolviam o sinal MISTURAR, cuja ordem também variou com frequência. Na maioria das vezes, o sinal MISTURAR apareceu atrelado a outro par de cor, como ROXO-MISTURAR-ROSA, em outros casos, o sinal apareceu em compostos como VERDE-MISTURAR-CLARO. Também destacamos casos como PRETO-ESCURO.

Aqui, dados referentes à Libras são idênticos, o que muda são os dados do Português. Como se observa na Tabela 10, os valores se assemelham e a Libras mantém média maior de menção de termos distintos entre os falantes nessa tarefa.

Em Português, a dúvida em escolher o termo apropriado gerou expressões como “um tom de verde muito estranho”, registrado como *verde*, depois de uma resposta definitiva por parte do participante. O efeito *priming* parece ter aparecido mais em alguns participantes do que em outros, como se para aqueles a repetição do termo para uma cor semelhante fosse algo a se evitar.

Na Tabela 7, abaixo, temos a relação completa de termos produzidos pelos participantes de ambas as línguas, bem como o total de menções para cada um deles.

Tabela 7: Relação e quantitativo de termos mencionados na tarefa de listagem em ambas as línguas.

Libras		Português	
Glosa	Menções	Glosa	Menções
roxo	41	azul	81
verde	38	verde	76
laranja	34	rosa	56
vermelho	32	roxo	56
azul_escuro	29	laranja	38
preto	28	cinza	37
cinza	28	preto	34

⁹ Um dos cards passou despercebidos na hora da troca de card e só foi percebido na hora de averiguar os dados nas filmagens.

rosa	28	marrom	30
azul	26	lilas	26
verde_escuro	25	vermelho	26
marrom	24	amarelo	15
azul_claro	24	verde_escuro	11
roxo_escuro	22	azul_escuro	8
roxo_claro	22	verde_musgo	6
verde_claro	21	rosa_claro	5
amarelo	13	vinho	5
rosa_claro	13	cinza_claro	4
negro	11	verde_bandeira	4
branco	11	branco	4
cinza_escuro	10	roxo_claro	4
preto_escuro	10	azul_marinho	4
cinza_claro	8	violeta	3
roxo_forte	7	branco_gelo	3
marrom_escuro	7	lilas_escuro	3
rosa_escuro	7	amarelo_queimado	3
verde_forte	6	salmao	3
laranja_claro	5	cinza_escuro	3
vinho	4	lilas_claro	2
laranja_escuro	4	roxo_escuro	2
vermelho_escuro	4	laranja_claro	2
lilas	4	bege	2
preto_forte	4	verde_lodo	2
vermelho_claro	4	azul_claro	2
roxo_uva	3	laranja_escuro	2
marrom_claro	3	petroleo	1
lilas_claro	2	amarelo_canario	1
lilas_escuro	2	pink	1
		vermelho_alaranjad	
roxo_azulado	2	o	1
rosa_forte	2	preto_azulado	1
negro_claro	1	azul_caneta	1
amarelo_escuro	1	preto_fosco	1
vermelho_rosado	1	azul_turquesa	1
amarelo_claro	1	rosa_bebe	1
azul_forte	1	cinza_chumbo	1
preto_acinzentado	1	rosa_escuro	1
branco_acinzentado	1	grafite	1
rosa_bebe	1	verde_agua	1
b_e_g_e	1	avermelhada	1
branco_claro	1	verde_azulado	1
vermelho_suave	1	caramelo	1
roxo_bebe	1	verde_bebe	1
vermelho_forte	1	vermelho_caribe	1
roxo_rosado	1	verde_bem_escuro	1
azul_escuro_forte	1	fucsia	1
verde_acinzentado	1	verde_brasil	1
		azul_ceu	1
		verde_claro	1

Fonte: Autor, 2023.

Verificamos se fatores como sexo e, no caso da Libras, background familiar e histórico de aprendizagem da língua não refletiram alguma diferença no quantitativo de cores mencionadas. A média obtida desses valores é semelhante entre tais categorias. Sendo assim, não vemos diferença significativa no quantitativo de cores. Para uma alta confiabilidade dos resultados, é sempre recomendável um número amplo de participantes. Nossa amostra representa apenas uma pequena porção de falantes. Contudo, B&K, por exemplo consideraram amostras com um número ainda menor de algumas línguas em particular, como é o caso do do Jicaque, uma língua local da região de Honduras e contou com 10 participantes; Candoshi, falada no Peru e teve 11 participantes; Nahuat, falada no México e obteve a amostra de 06 sujeitos (KAY E REGIER, 2003). Na sequência, veremos uma análise com 9 participantes em cada língua analisada.

Quando nos aprofundamos na análise dos dados provenientes da tarefa de nomeação, trazemos à tona uma compreensão mais abrangente dos padrões linguísticos e da interação entre os participantes. A Tabela 6 serve como um guia para a compreensão do total de termos de cores mencionados pelos participantes em Libras e Português, bem como as nuances de termos distintos e a média de menções delineando os padrões dos TBCs nas línguas citadas.

Ao cruzar os dados com o texto anteriormente fornecido, podemos observar que os falantes das duas línguas produziram um número aproximado de termos distintos. A análise indica que os participantes da Libras, apesar da média de produção de termos ser ligeiramente superior, manifestaram uma recorrência maior de termos distintos. Esta observação nos leva a reflexões sobre a diversidade e riqueza lexical na expressão das cores em Libras.

A tarefa de nomeação revela ainda detalhes interessantes sobre a ordem e composição dos termos em Libras. A flutuação nas composições compostas supracitadas e o uso do sinal "MISTURAR", evidenciam a flexibilidade e a flexibilidade lexical inerentes à Libras. Essas constatações em relação Libras quando posta em contraste com o Português nos traz à ciência de que essas duas em suas distintas modalidades são profundamente instituídas de amplitude lexical, pois, de forma semelhante, em Português, a busca por escolher o termo apropriado indicou um processo cognitivo complexo e dinâmico na nomeação das cores.

Um aspecto intrigante é a comparação dos dados considerando fatores como sexo e, especificamente para a Libras, o background familiar e histórico de aprendizagem da língua. Esses fatores, por não terem influenciado de maneira significativa o quantitativo de cores mencionadas evocam a uma autonomia dos TBCs. A análise revela que, apesar das variações inerentes a diferentes indivíduos e históricos, a expressão das cores permanece relativamente

consistente entre os grupos considerados. Isso enfatiza a universalidade das categorias de cores e a influência da linguagem e da cultura na forma como as cores são percebidas e comunicadas.

À luz das comparações com estudos anteriores e amostras menores de outras línguas, podemos apreciar a complexidade de tirar conclusões sólidas de amostras limitadas. A citação de exemplos como o do Jicaque, Candoshi e Nahuat, que contaram com um número ainda menor de participantes, nos lembra que a sejam compostos por menores ou maiores dados, a composição dos TBCs é muito mais complexa já que mesmo havendo uma vasta amostra de tantas línguas, ainda assim são percebidas nuances que requerem atenção.

Em última análise, essa discussão reforça a importância de uma abordagem abrangente na análise de dados linguísticos. A interseção entre os dados numéricos, a observação de padrões, a contextualização teórica e a consideração de fatores lexicais e intralinguísticos nos conduzem a uma compreensão mais profunda da riqueza e complexidade inerentes à universalidade dos TBCs.

3.3 Dados de ambas as tarefas

Conforme a Tabela 8, somando o total de ambos os testes, 63 termos distintos foram produzidos em Libras e 70 termos distintos em Português. Em Português, dos 26 termos distintos da tarefa de listagem, 7 não foram produzidos na tarefa de nomeação. No contrário, 38 termos apareceram exclusivamente na tarefa de nomeação. O provável efeito *priming* evocando adjetivações permanece para ambas as línguas.

Tabela 8: Totais de termos em ambas as tarefas.

Língua	Total de termos computados em ambas as tarefas	Total de termos distintos em ambas as tarefas
Libras	705	63
Português	695	70

Fonte: autor, 2023.

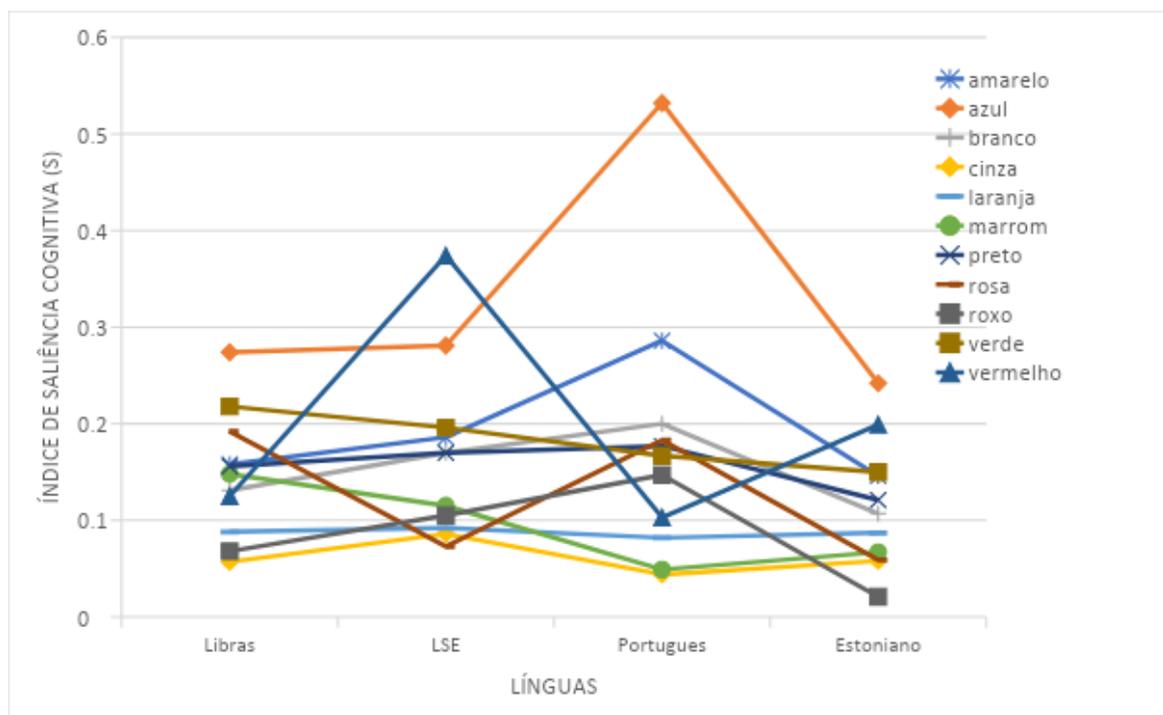
Tabela 9: Lista dos 11 termos mais salientes em ordem decrescente em ambas as línguas.

Libras		Português	
Glosa	S	Glosa	S

azul	0,274	azul	0,532
verde	0,218	amarelo	0,286
rosa	0,192	branco	0,200
amarelo	0,158	rosa	0,183
preto	0,156	preto	0,177
marrom	0,148	verde	0,167
branco	0,131	roxo	0,147
vermelho	0,125	vermelho	0,103
laranja	0,088	laranja	0,082
roxo	0,068	lilas	0,053
cinza	0,057	bege	0,050

Fonte: autor, 2023.

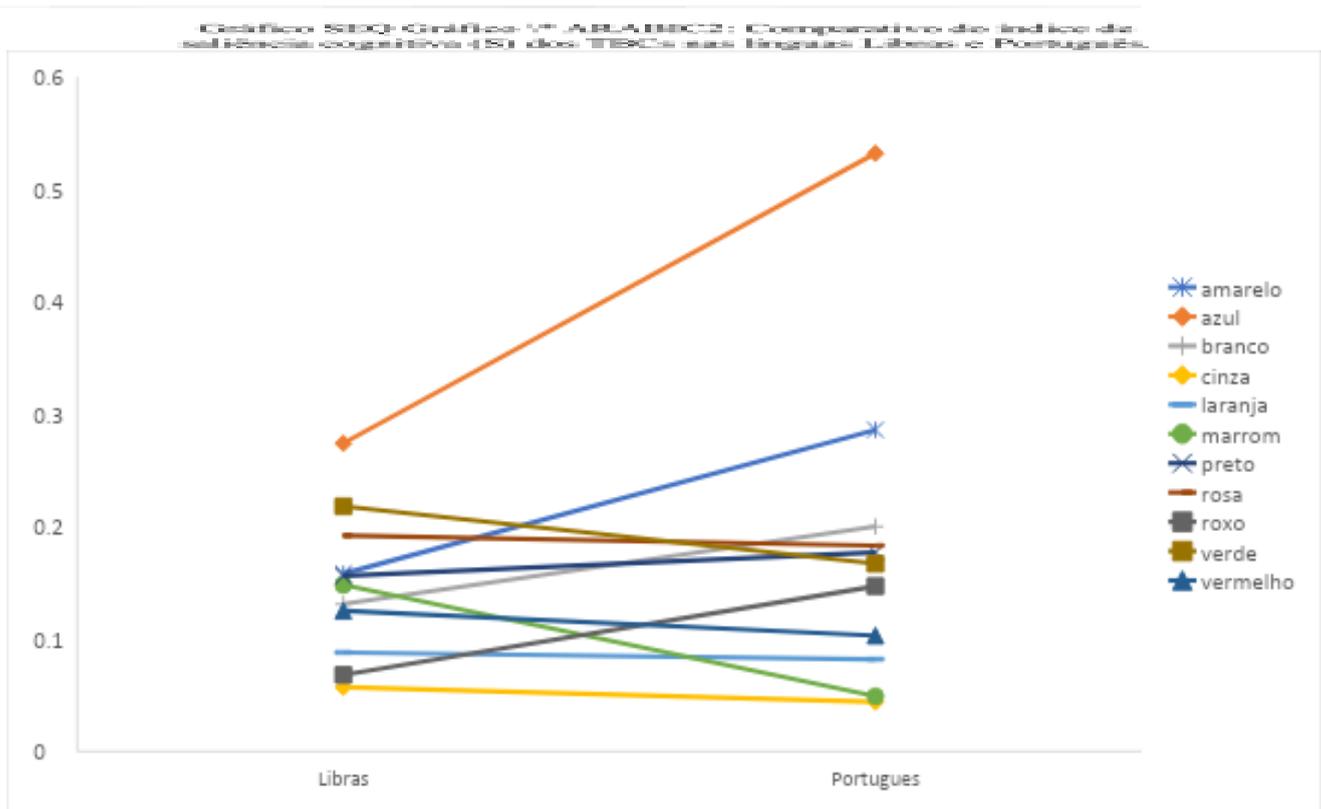
O Gráfico 1, abaixo, apresenta a relação entre os índices de saliência cognitiva das línguas aqui envolvidas. Para fins de comparação, também acrescentamos dados das outras duas línguas: Estoniano e Língua de Sinais da Estônia (LSE). Também resumimos as informações do gráfico às cores que se enquadram nos 11 TBCs.



Fonte: autor, 2023.

As línguas Libras e Português diferem dos resultados encontrados nas demais línguas, dado que a cor secundária rosa (em Libras e em Português) ganha destaque e a cor primária vermelho (em Libras e Português) e branco (em Libras) perdem a posição mais superior do gráfico.

É notório que, dentre os TBCs comparados, vimos que há o aparecimento dos 11 termos da ordem hierárquica de B&K. Porém, os termos não aparecem na ordem convencional nos estudos consagrados pelos teóricos. Vale apontar que dentre as línguas observadas, apenas na LSE o azul não apareceu encabeçando os dados, o que nos leva a refletir sobre a necessidade de observar e replicar os testes que culminaram na ordem hierárquica de B&K e buscar possíveis fatores que possam interferir nas quebras que ocorreram não apenas nas línguas em análise. No Gráfico 2, abaixo, vemos a comparação entre Libras e Português.

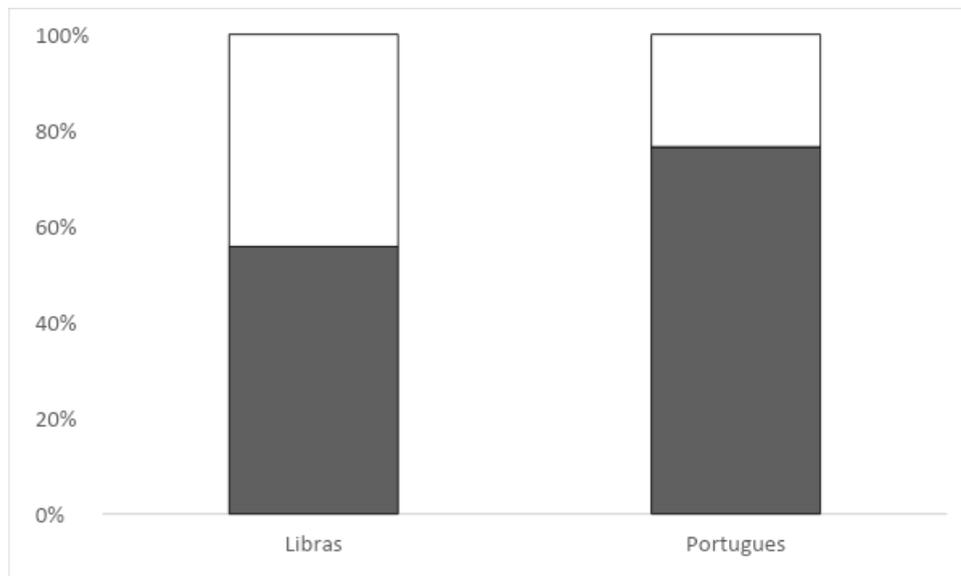


Fonte: autor, 2023.

Nessa análise, a cor azul aparece ocupando o topo da saliência e, de modo geral, as cores secundárias ocupam posições mais baixas, com as exceções já apontadas acima.

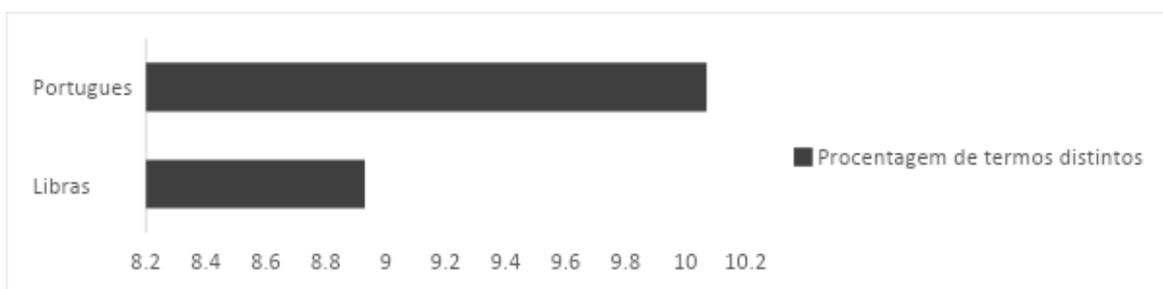
Há de se observar que essa mudança da posição no azul tanto para a Libras quanto para o português nos leva à reflexão de que essas duas línguas estão de alguma maneira seguindo um padrão, ao menos no que diz respeito ao encabeçamento, quando estamos falando sobre ordem hierárquica já que seria comum a recorrência de termos o branco e o preto nas duas primeiras posições.

No Gráfico 3, vemos o percentual de TBCs manifesto em ambas as tarefas. Lembrando que apenas os termos “puros”, como verde, azul, amarelo, são considerados TBCs. No gráfico, a Libras apresentou 393 TBCs, num total de 705 termos, chegando a 55,7% do total, e o Português apresentou 532 TBCs do total de 695 termos, ou seja, 76,5.



Fonte: autor, 2023.

Em relação ao percentual de termos distintos dentro do total de termos produzidos em ambos os testes, segue a análise a, conforme Gráfico 4. Os dados demonstram que cerca de 10% do total de cada língua foi composto por termos distintos (8,93% para a Libras e 10,07% para o Português).



Fonte: autor, 2023.

3.4 Índice de dominância - tarefa de nomeação

Para a análise, a Tabela 10, abaixo, apresenta, para as duas línguas, as cartelas com maior índice de dominância e o seu respectivo percentual. De igual modo à análise geral, os termos com menos de 50% de consenso não foram incluídos. Os termos que não se enquadram em TBC, mas que apresentaram índice de dominância, foram incluídos. Quando mais de uma cartela tiver obtido índice de dominância relevante, consideraremos apenas a cartela de maior índice.

Tabela 10: Índice de dominância dos termos obtidos no teste de nomeação em Libras e Português.

TBC	ID	Color-aid codes		Língua	Glosa	Porcentagem	
Amarelo	01	Y	HUE	Libras	AMARELO	100%	
				Português	amarelo	100%	
Laranja	06			Português	laranja	100%	
				T3	Libras	LARANJA	88,88%
				S3	Libras	VERDE_ESCURO	55,55%
Marrom	12			Libras	MARROM	66,66%	
				Português	marrom	100%	
Vermelho	13	ORO	HUE	Libras	VERMELHO	66,66%	
	16	RO	HUE	Português	vermelho	88,88%	
Roxo	28	VR	HUE	Português	roxo	77,77%	
	31		S3	Libras	ROXO	55,55%	
Rosa	33	VBV		Português	rosa	88,88%	
				S3	Libras	ROXO_CLARO	55,55%
				Português	lilas	55,55%	
Azul	40			Libras	AZUL_CLARO	55,55%	
				HUE	Libras	AZUL	55,55%
				Português	azul	88,88%	
Verde	42			Português	verde	88,88%	
				46		Português	verde
Branco	50	GYG	HUE	Libras	VERDE	55,55%	
				58	WHITE	Libras	BRANCO
Preto	60	GRAYS		Português	preto	77,77%	
Cinza	63	GRAY 4		Libras	CINZA	77,77%	
				Português	cinza	88,88%	

Fonte: autor, 2023.

Percebemos, na Tabela 10, que todos os TBCs obtiveram índice de concordância em alguma língua, com a adição dos termos VERDE_ESCURO, AZUL_CLARO e ROXO_CLARO em Libras e com a adição do termo lilás em Português, termo este bastante convencionalizado e que não faz uso de estratégias modificadoras, como a adjetivação presente nos termos em Libras.

Mais uma vez, nessa análise, os TBCs PRETO e ROSA, em Libras, não alcançaram o índice de dominância, ambos com 44,44% de concordância. Paradoxalmente, o termo ROSA ganha saliência na tarefa de listagem, mas perde índice de dominância na tarefa de nomeação. A mesma ausência entre as análises aconteceu em Português, com o termo branco (33,33%). De modo geral, o índice de dominância também se confirma diante dos 11 TBCs de ambas as línguas nesta análise, reafirmando a premissa de concordância entre sujeitos e, consequentemente, mais um fator de saliência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fizemos um levantamento de dados baseados em duas línguas de modalidades distintas (língua portuguesa e língua brasileira de sinais) que foram discutidos e comparados a partir da execução de duas tarefas de elicitación, tendo como foco a produção de termos de cores, de forma que foram considerados aqueles que são mais básicos, conforme critérios apresentados na teoria B&K (1969), com a finalidade de averiguar como essas duas línguas respondem aos estímulos das tarefas de listagem e nomeação a fim de averiguar o critério de saliência por meio dos índices de saliência e dominância.

Dos quatro critérios principais apresentados pelos autores a respeito dos TBCs, sentimos a necessidade de confirmação do quarto, a saber: o termo deve ser psicologicamente saliente entre os falantes. Com os dados obtidos por meio das tarefas de listagem e nomeação, pudemos mensurar a saliência dos termos básicos identificados e correlacioná-la com os 11 termos básicos de cores já classificados por B&K, podendo, assim, atestar a saliência.

Nas análises aqui apresentadas vimos que os dados da tarefa de listagem confirmam maior índice de saliência cognitiva para os termos básicos de cores em ambas as línguas. Porém, foram vistas inconsistências que podem ser consideradas quando consideramos a hierarquia proposta por B&K. Dentre os TBCs, confirmamos também os agrupamentos primário e secundário das cores, com exceção de termos que fugiram do escopo da hierarquia em Libras. Isso se deu porque algumas cores apresentaram valores mais altos e, portanto, aproximados do agrupamento das cores primárias. Nossa hipótese é de que o número de participantes pode ter influenciado no resultado. Os dados desse trabalho dialogam com resultados obtidos em outras línguas (inglês, russo, finlandês, estoniano, húngaro, línguas fino-úgrico e língua de sinais da Estônia) sobretudo no que diz respeito aos termos das cores preto e branco, cujas posições na distribuição hierárquica divergem do que é proposto teoricamente. O argumento para este fenômeno aponta para possíveis efeitos sincrônicos.

Dessa forma, nossa análise apresentou resultados que ao mesmo tempo que reproduz alguns paradigmas consagrados nos estudos sobre TBCs, nos apontam diferenças no quantitativo de termos distintos produzidos na tarefa de listagem e no total de ambas as tarefas, que diminui em Libras e aumenta em Português; da cor rosa que com maior valor de saliência na tarefa de listagem em ambas as línguas; e da cor bege que também com maior valor de destaque em Português.

Em suma, confirmamos a saliência dos TBCs com os dados da tarefa de nomeação a partir do índice de dominância verificado pelo grau de concordância de uso dos mesmos termos pelos participantes para nomear as mesmas cores.

Por meio dos resultados obtidos, pudemos observar a saliência de cada termo de cor e, com isso, identificar os melhores exemplos de TBC obtidos a partir dos estímulos, confirmando, sobretudo, os 11 TBCs em ambas as línguas.

Pudemos, também, constatar algumas quebras na ordem hierárquica dos estágios dos TBCs nas duas línguas, como alguns desvios dos padrões na observação da saliência dos TBCs (destaque em Libras para os termos MARROM e ROSA ocorrendo acima do VERMELHO; e em ambas as línguas os termos para preto e branco não ocupando o topo da saliência) e no índice de dominância (destaque, em Libras, para o PRETO não alcançando índice de dominância, e em Português, para o branco sem alcançar o índice), em ambas as análises.

Enquanto exploramos as implicações e fizemos o levantamento dos dados, também enfrentamos desafios significativos ao reunir participantes para a pesquisa. Encontrar voluntários surdos dispostos a participar foi uma tarefa árdua, resultando em um desequilíbrio no número de participantes surdos e ouvintes. Para evitar disparidades nos dados, optamos por excluir dados de participantes ouvintes, estabelecendo um critério de idade para essa seleção. Essa medida foi tomada para assegurar uma coesão em relação à idade média dos participantes surdos.

Adicionalmente, as restrições impostas pela pandemia e limitações de tempo impactaram o curso da pesquisa. Inicialmente, planejamos levantar e analisar dados da Língua Gestual Portuguesa e da Língua de Sinais Alemã. No entanto, o acesso a instituições parceiras foi prejudicado, limitando nossa amostra. Além disso, a abordagem inicial de realizar testes baseados no levantamento de B&K enfrentou desafios práticos. A complexidade e a quantidade de cores cujos dados obtidos compõem o projeto *World Color Survey* (WCS), com um espectro de referência de 330 cores a serem nomeadas, combinadas com o tempo prolongado, afetaram negativamente o desempenho dos voluntários durante os testes, especialmente diante das câmeras. Por isso, descartamos os dados iniciais e com base em pesquisa e aporte teórico chegamos a análise com duas tarefas adaptadas dos procedimentos de *Kay et al* (2009), Berlin, Maffi, Merrifield (2009) e Davies & Cobett (1994, p. 69-72)

À medida que chegamos ao término desta dissertação, nossos resultados ressoam com padrões estabelecidos nas pesquisas sobre TBCs, porém também apontam para nuances que desafiam esses paradigmas. Confirmamos a saliência dos TBCs através dos índices de saliência e dominância, e os resultados da tarefa de nomeação corroboraram a saliência identificada. No entanto, identificamos quebras nas hierarquias propostas por B&K, sugerindo que fatores contemporâneos podem estar impactando a forma como as cores são percebidas e expressas.

Uma das possibilidades que pode explicar as quebras identificadas nas hierarquias propostas por B&K está relacionada às inúmeras revoluções que moldaram as últimas décadas, pois vivemos num cenário contemporâneo em que o acesso a uma vasta gama de estímulos visuais se tornou a norma, graças à exploração de distintas formas artísticas acessível e à tecnologia que permeia nosso cotidiano. Essas revoluções podem estar provocando mudanças sincrônicas nas formas como percebemos e nomeamos as cores. O mundo de hoje é notavelmente “mais colorido”, graças à visualização de uma variedade de cores por meio de tecnologias como telas de alta resolução, dispositivos móveis e até mesmo realidade virtual.

Esse acesso constante a estímulos visuais diversos pode estar influenciando a expressão das cores e, conseqüentemente, impactando as hierarquias tradicionalmente estabelecidas. A interseção entre o digital e o perceptual está alterando a maneira como as cores são apreendidas, refletindo uma nova dinâmica na comunicação e na linguagem que pode estar influenciando os resultados obtidos em estudos de TBCs.

As questões acima supracitadas poderão ser melhor observadas e postas à prova em oportunidades vindouras mediante a ratificação do estudo a partir de novos levantamentos e análises de dados.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, R.. Art and Visual Perception. A Psychology of the Creative Eye. Berkeley: University of California Press. 1974
- BÁEZ-MONTERO, Inmaculada; FERNÁNDEZ-SONEIRA, Ana María. Semantic Fields in Sign Languages, 73-122. 2016
- BERLIN, Berlin.; KAY, Paul. Basic color terms: their universality and evolution. Stanford: CSLI publications, 1999.
- BERLIN, B.; KAY, P. Basic Color Terms. Berkeley: University of California Press, 1969.
- BLOOMFIELD, L. Language. London: George Allen & Unwin, 1933.
- BORGATTI, S. P. 1999. Elicitation techniques for cultural domain analysis. In Enhanced ethnographic methods: Audiovisual techniques, focused group interviews, and elicitation techniques, edited by J. J. Schensul, M. D. LeCompte, B. K. Nastasi, and S. P. Borgatti, 115–51. Ethnographer’s toolkit, Vol. 3. Walnut Creek, CA: AltaMira, 1999.
- BRANGEL, Larissa M. O universalismo semântico entre termos de cores e o seu reflexo nos estudos da linguagem. X Semana de Letras: EDIPUCRS, 2010. Anais, Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2010.
- BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais. 2. ed. Rio de Janeiro: TB - Edições Tempo Brasileiro, 2010.
- BROWN, C. H.; WITKOWSKI, S. R. figurative language In a universalist perspective, American Ethnologist, 2009.
- BROWN, R. W.; LENNEBERG, E. H. A study in language and cognition. The Journal of Abnormal and Social Psychology, 1954. 49(3), 454–462.
- DAVIES, I. & CHAPLIN, CATRIONA & MCGURK, H & CORBETT, GREVILLE & JERRETT, H. & JERRETT, D. & SOWDEN, PAUL. (1992). Color Terms in Setswana: A Linguistic and Perceptual Approach. SMG published journal articles and book chapters.. 30. 10.1515/ling.1992.30.6.1065.
- DAVIES, I.; CORBETT, G. The basic color terms of Russian. Linguistics. 32. Walter de Gruyter, 1994, 65-90. 10.1515/ling.1994.32.1.65,
- DURBIN, M. Review of Basic Color Terms. Semiotica 6, 1972.
- EICHMANN, Hanna; RACHEL Rosenstock. 2014. Regional variation in German Sign Language: The role of schools (re-) visited. Sign Language Studies 14:2, 175–202.
- EVERETT, D. Cultural constraints on grammar and cognition in piraha: another look at the design features of human language. language. 46, 2005, 621-646. 10.1086/431525.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. FILLMORE, C. J.

HENDRIKS, Bernadet. Kinship and colour terms in Mexican Sign Language. From the book *Semantic Fields in Sign Languages*. <https://doi.org/10.1515/9781501503429-010>

HOLLMAN, L. Basic Color Terms in Estonian Sign Language. *Sign Language Studies*. 11. 10.1353/sls.2010.0011, 2010.

HOLLMAN, L. Colour terms, kinship terms and numerals in Estonian Sign Language. In: ZESHAN, U.; SAGARA, K. *Semantic fields in sign languages: colour, kinship and quantification*. Boston/Berlin/Lancaster: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2016.

JOHNSTON, Trevor (ed.). 1998. *Signs of Australia: A new dictionary of Auslan*. Sydney: North Rocks Press.

Kay, Paul. "Synchronic Variability and Diachronic Change in Basic Color Terms." *Language in Society*, vol. 4, no. 3, 1975, pp. 257–70. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/4166830>. Acesso em 12 Maio de 2022.

KAY, P.; BERLIN, B.; MAFFI, L.; MERRIFIELD, W.R. Color naming across languages. In: HARDIN, C. L.; MAFFI, L. (Eds.). *Color categories in thought and language*. Cambridge University Press, 1997, 320–346. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511519819.015>

KAY, P.; BERLIN, B.; MAFFI, L.; MERRIFIELD, W.R.; COOK, R.: *The World Color Survey*. Stanford: CSLI Publications, 2009.

KAY, P.; BERLIN, B.; MERRIFIELD, W.R. Biocultural implications of systems of color naming. *Journal of Linguistic Anthropology*, 1991. 1(1), 12-25.

KAY, P.; MAFFI, L. Color appearance and the emergence and evolution of basic color lexicons. *American Anthropologist*, 1999. 101(4), 743-760.

KAY, P.; MCDANIEL, C. K. The linguistic significance of the meanings of basic color terms. *Language*, 1978. 54(3), 610-646.

KAY, P.; REGIER, T. Color naming universals: the case of Berinmo. *Cognition*, 2007. 102(2), 289-98.

KAY, P.; REGIER, T. Resolving the question of color naming universals. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. 2003. DOI: 10.1073/pnas.1532837100

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1987.

LUCY, J. A. in *Color categories in thought and language*, eds. Hardin, C. L. & Maffi, L. (Cambridge Univ. Press, Cambridge, U.K.), 1997. pp. 320–346.

LUCY, J. A. The linguistics of "color". In HARDIN, C. L.; MAFFI, L. (Eds.). *Color categories in thought and language*. Cambridge University Press, 1997, 320–346. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511519819.015>

MACLAURY, R. E. *Color and cognition in mesoamerica*. Austin: University of Texas, 1997.

MCKEE, Rachel. Number, colour and kinship in New Zealand Sign Language. From the book *Semantic Fields in Sign Languages*. <https://doi.org/10.1515/9781501503429-011>

MERRIFIELD, W. (1971). Brent Berlin and Paul Kay, Basic color terms: Their universality and evolution. Berkeley and Los Angeles: The University of California Press, 1969. Pp. xi 178. *Journal of Linguistics*, 7(2), 259-268. doi:10.1017/S0022226700002966.

NONAKA, A. The forgotten endangered languages: lessons on the importance of remembering from thailand's ban khor sign language. *Language and Society*, 2004. 33(5): 737–67.

NYST, V. A. *A descriptive analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana)*. 151. Utrecht: LOT. (Doctoral dissertation, Universiteit van Amsterdam, 2007).

RORSCHACH, H. *Alucinación Refleja y Simbolismo*. In Bash, K. W. (recop.). Hermann Rorschach: *Obras Menores e Inéditas* (A. G. Miralles, trad.). Madrid / Espanha: Morata (912) 1967a, pp. 248-289.

SAGARA, K.; ZESHAN, U. Semantic fields in sign languages – A comparative typological study. In: _____ (Eds.). *Semantic fields in sign languages. Colour, kinship and quantification*. Boston/ Berlin: De Gruyter Mouton, 2016, p. 3-38.

SARAPIK, Virve. *The Colour and the Word*. Article in *Folklore (Estonia)* · April 1997. DOI: 10.7592/FEJF1997.03.red · Source: DOAJ

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (orgs.). São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVER-SWARTZ, Amira. 2012. *Lexical variation in Italian Sign Language*. Senior thesis, Swarthmore College, Pennsylvania.

STAMP, Rose. 2013. *Sociolinguistic variation, language change and dialect contact in the British Sign Language (BSL) lexicon*. PhD dissertation, UCL, London.

SUTROP, U. (2001) "List task and a cognitive salience index". *Field Methods* 13, 263-276.

SUTROP, U. *The vocabulary of sense perception in estonian: structure and history*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Second Edition. Oxford: Clarendon Press, 1995.

UUSKÜLA, M. The basic colour terms of Czech, *Trames* 12, 1, 2008, 3-28.

VELUPILLAI, V. An introduction to linguistic typology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

WELLER, S. C. Structured interviewing and questionnaire construction. In Handbook of methods in cultural anthropology, edited by H. R. Bernard, 365–409. Walnut Creek, CA: AltaMira, 1998.

WELLER, S. C.; A. K. ROMNEY. Systematic data collection. Vol. 10, Qualitative Research Methods. Newbury Park, CA: Sage, 1988.

WITKOWSKI, S. R.; BROWN, C. H. An explanation of color nomenclature universale. *american anthropologist*, 79, 1977, 50-57. doi:10.1525/aa.1977.79.1.02a00050.

WOODWARD. J. Sign Language Studies. Gallaudet University Press - Volume 63, 1989.

ZESHAN, U.; SAGARA, K. Semantic fields in sign languages: colour, kinship and quantification. Boston/Berlin/Lancaster: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2016.

ANEXO 1 - Síntese das informações individuais dos participantes de cada tarefa.¹⁰

Listagem	Nomeação	Língua	ID	sex	Idade	Escolar idade ¹¹	Família sinalizante	Idade que aprendeu Libras
X	X	Libras	SS01	M	25	si	sim	14
X	X	Libras	SS02	F	24	si	sim	2
X	X	Libras	SS03	F	34	sc	nao	3
X	X	Libras	SS04	F	27	si	sim	5
X	X	Libras	SS05	F	19	si	nao	5
X	X	Libras	SS06	M	34	si	nao	14
X	X	Libras	SS07	M	30	si	sim	9
X	X	Libras	SS08	F	22	si	nao	5
X	X	Libras	SS09	F	29	si	nao	13
X	-	Libras	SS10	M	22	em	não	6
X	-	Libras	SS11	M	29	em	não	12
X	X	Port	SO01	F	26	sc	-	-
X	X	Port	SO02	F	42	sc	-	-
X	X	Port	SO03	F	27	sc	-	-
X	X	Port	SO04	F	37	sc	-	-
X	X	Port	SO05	F	30	sc	-	-
X	X	Port	SO06	F	27	sc	-	-
X	X	Port	SO07	F	33	sc	-	-
X	X	Port	SO08	F	27	sc	-	-
X	X	Port	SO09	F	42	sc	-	-
X	X	Port	SO10	F	38	sc	-	-
X	X	Port	SO11	F	25	sc	-	-
X	X	Port	SO12	F	27	sc	-	-
X	X	Port	SO13	M	34	sc	-	-
X	X	Port	SO14	M	34	sc	-	-
X	X	Port	SO15	M	25	sc	-	-
X	X	Port	SO16	M	56	sc	-	-
X	X	Port	SO17	M	35	sc	-	-
X	X	Port	SO18	M	34	sc	-	-
X	X	Port	SO19	M	34	sc	-	-
X	-	Port	SO20	F	35	sc	-	-

¹⁰ As linhas em cinza representam os participantes excluídos.

¹¹ em - Ensino Médio; si - Superior incompleto; sc - Superior completo.

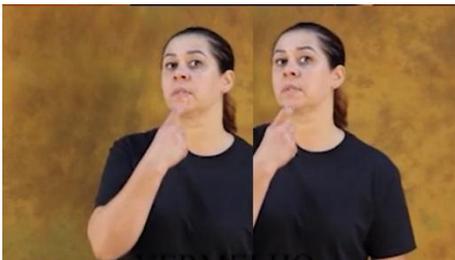
ANEXO 2 - Possíveis TBCs em Libras¹²



PRETO



BRANCO



VERMELHO



AMARELO



VERDE



AZUL



MARROM



CINZA



ROSA



ROXO



LARANJA

¹² Para a cor PRETO, fonte: autor, 2023. Para as demais cores, fonte: www.spregthesign.com.